

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Área de Concentração: Estudos da subjetividade

Linha de Pesquisa: Subjetividade, políticas e Exclusão Social

NATHALYA REIMOL DA COSTA

**GSEX - UM FAZER PSICOLOGIA ENTRE AS CIDADES DE NITERÓI E SÃO
GONÇALO**

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Subjetividade.

Orientadora: Prof^a. Dra. Beatriz Adura Martins

NITERÓI

2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Beatriz Adura Martins - UFF (Orientadora)

Prof.^o Marcelo Santana- UFF

Prof.^a Dr.^a Céu Cavalcanti - UFRJ

Prof.^a Dr.^a. Sara Wagner York -

RESUMO

A dissertação intitulada "GSEX - Um Fazer Psicologia entre as Cidades de Niterói e São Gonçalo" aborda a trajetória do grupo de pesquisa GSEX, composto por psicólogas que atuam nas interseções entre gênero, sexualidade e psicologia. A pesquisa é ancorada na experiência direta com populações LGBTQIA+ nas cidades de Niterói e São Gonçalo, com foco em violência, exclusão social e as dinâmicas urbanas que moldam essas vivências. O trabalho descreve a criação do grupo, iniciada em um contexto acadêmico, e sua evolução para um espaço de resistência e militância, atuando diretamente com populações marginalizadas. A história se constroi com as demandas por discussões sobre gênero e sexualidade, inicialmente surgidas no ambiente acadêmico, levaram à criação de práticas psicossociais que envolvem um cuidado coletivo, não limitando-se às abordagens tradicionais da psicologia. A metodologia utilizada na pesquisa baseia-se na cartografia, na análise de implicação e nas narrativas. O uso de diários de campo e a escrita coletiva emergem como importantes ferramentas para capturar a complexidade das vivências do grupo e das pessoas atendidas. A dissertação também problematiza o papel da psicologia na patologização de identidades dissidentes. Traz um destaque nas intervenções do grupo no espaço urbano, como rodas de conversa, ações em eventos e pesquisas de campo, que buscam entender como as dinâmicas de violência e exclusão se manifestam nas cidades. O estudo foca especialmente nas trajetórias da população e suas relações com os espaços públicos. Nas considerações finais, o trabalho reflete sobre a importância de uma psicologia que não se isola em consultórios, mas que atua diretamente nas ruas, junto aos movimentos sociais, visando não apenas compreender, mas transformar a realidade das populações com as quais trabalha. A dissertação propõe uma psicologia implicada, que reconhece as múltiplas subjetividades que atravessam as cidades e que tem o potencial de criar novas formas de cuidado e resistência. Esse resumo abrange os principais aspectos do trabalho, incluindo a formação do grupo GSEX e as reflexões críticas sobre o papel da psicologia frente às populações vulnerabilizadas.

Palavras-chave: Psicologia, cidade, gênero e sexualidade, cuidado coletivo

ABSTRACT

The dissertation titled "GSEX - Doing Psychology between the Cities of Niterói and São Gonçalo" explores the trajectory of the research group GSEX, composed of psychologists working at the intersections of gender, sexuality, and psychology. The research is grounded in direct experience with LGBTQIA+ populations in the cities of Niterói and São Gonçalo, focusing on violence, social exclusion, and the urban dynamics that shape these experiences. The work describes the creation of the group, which began in an academic context, and its evolution into a space of resistance and activism, working directly with marginalized populations. The history is constructed from the demands for discussions on gender and sexuality, initially emerging in the academic environment, which led to the creation of psychosocial practices involving collective care, not limited to traditional approaches in psychology. The methodology used in the research is based on cartography, implications analysis, and narratives. The use of field diaries and collective writing emerge as important tools for capturing the complexity of the group's experiences and those of the people served. The dissertation also discusses the role of psychology in the pathologization of dissident identities. It highlights the group's interventions in urban spaces, such as discussion circles, actions at events, and field research, which aim to understand how dynamics of violence and exclusion manifest in the cities. The study particularly focuses on the trajectories of the population and their relationships with public spaces. In the final considerations, the work reflects on the importance of a psychology that does not isolate itself in offices but operates directly on the streets, alongside social movements, aiming not only to understand but to transform the reality of the populations it works with. The dissertation proposes an engaged psychology that recognizes the multiple subjectivities that traverse cities and has the potential to create new forms of care and resistance. This summary covers the main aspects of the work, including the formation of the GSEX group and critical reflections on the role of psychology in relation to vulnerable populations.

Keywords: Psychology, city, gender and sexuality, collective care

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todas (es/os) que me acompanharam nessa jornada, não só da dissertação, mas dos caminhos da GSEX até aqui. Agradeço as ruas, bares, botecos, festas, Paradas, reuniões, Cantareiras, praças que me acolheram e me permitiram estar.

Agradeço às minhas companheiras de orientação que foram boa parte do meu incentivo e da formação da minha auto estima acadêmica. Obrigada de verdade.

Aos meus companheiros de turma do Mestrado (2021) por sobrevivermos rindo de toda a confusão dessa estrada.

A minha grande parceira, Anne, que fez parte não só de toda essa história, mas também das minhas cervejas, fofocas, risadas, desesperos. Não existiria essa dissertação sem ela e nem a minha construção enquanto psicóloga. Este caminho fizemos juntas.

A Ana, minha “mãe”, obrigada por acreditar e apoiar além do necessário.

As minhas companheiras da GSEX, não só as atuais, mas todas que passaram por aqui e que me permitiram escrever essa história. Obrigada por tudo que construímos, espero que vocês possam ler e lembrar que grande trajetória tivemos.

A todos que cruzei o caminho enquanto GSEX. São muitos e que bom que são muitos, sinal do quanto andamos e nos permitimos misturarmos em tudo isso. Espero que na leitura vocês percebam o quanto estão presentes em cada rua descrita por aqui.

A Carol Motta, por me ajudar no projeto e me incentivar a chegar aqui.

Aos meus amigos da vida, não tem como não agradecer por tudo que vocês me dão e me fortalecem a continuar. Vocês são meu respiro pelo mundo. A cada um, meu muito obrigada.

A minha mãe, meu padrasto e meus avós, por todo o apoio de uma vida inteira.

As minhas irmãs, obrigada pela gente.

A Céu, Sarah e Marcelo por aceitarem serem minha banca e pelas considerações que ajudaram nessa construção.

Ao casal Sepulveda, não existiria uma mestranda sem o incentivo de vocês lá na graduação. Obrigada.

A minha orientadora Bia, que em meio a toda nossa história sempre foi uma inspiração. Obrigada por acreditar em mim desde o começo.

Ao meu companheiro, Felipe, por toda a parceria. Nossa história me inspira a vida e a acreditar no mundo. Obrigada por todo o incentivo, troca, motivação, colo, risadas e tudo mais que construímos.

As cidades de Niterói e São Gonçalo, minhas cidades, obrigada por me permitirem contar essas histórias.

Sumário

CAMINHOS INICIAIS.....	8
O FAZER-ESCRITA COLETIVA	27
CAPÍTULO UM - CIDADES.....	30
As ruas e as nomenclaturas	30
Requinte e luta	34
Encontro e movimentos.....	41
Entre esquinas e luzes	43
CAPÍTULO DOIS - CIDADE COMO CUIDADO.....	57
Travando a Pista	57
Chão de terra e BR.....	66
Queimando existências	71
O pedido da cidade	74
Domingo de campeonato.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

CAMINHOS INICIAIS

A psicóloga que redige o presente trabalho é hoje coordenadora do grupo de psicólogas que irá narrar a história. Um grupo que atua com gênero, sexualidade, corpos e psicologia. A trajetória é descrita com ampla participação, já que nunca esteve sozinha nesta produção. Lá no seu início, jamais suspeitaria que um estágio se tornaria esse grupo e que ele se tornaria sua dissertação de mestrado. Por tudo isso, contamos sobre o passado para pensarmos possíveis futuros.

O ano era 2013, em um dia comum de ida à Universidade Federal Fluminense, uma estudante de graduação de Psicologia conversa com o coordenador da pesquisa a qual ela fazia parte desde 2012. A pesquisa se chama “Conservadorismos e Educação Brasileira”. Ela ouve que está no quinto período e seria bom pensar em um tema para iniciar os estudos de modo mais específico. O nome do professor é José Sepulveda. Ele é o coordenador da pesquisa e historiador da educação cujo trabalho é voltado para a análise do movimento conservador e a laicidade na educação. É significativo falar sobre esse professor que a acolheu na UFF, mesmo ela sendo aluna de uma faculdade privada. Ele a ensinou conteúdos de história e educação antes da pesquisa se iniciar, para que quando estivessem junto a outros estudantes da referida área pudessem não só acompanhar, mas também contribuir com a discussão.

Hoje ele é o coordenador do Observatório da Laicidade na Educação (OLÉ - UFF) que em sua descrição enuncia: “O Observatório da Laicidade na Educação é formado por professores(as) e estudantes, militantes pró-laicidade do Estado que elaboram, reúnem e difundem posições relacionadas especialmente à educação pública laica.”¹. Trata-se de um profissional aguerrido contra o movimento conservador que existe no mundo, com destaque no Brasil. Na conversa que manteve com a estudante em 2013 ele, com toda sua imensa simpatia

¹ OLÉ. Disponível em: <http://ole.uff.br/quem-somos/>, acesso em 29/04/24

e acolhimento, pede à estudante que faça um *brainstorm*. A menina nem entende o que é essa palavra e pergunta, insegura. “Nuvem de pensamentos”, “escreve o que lhe vem à cabeça”, foi o que o professor lhe disse.

O texto que a estudante produz é um monte de palavras jogadas que traçam uma linha tentando compreender sobre o porquê ser incômodo para ela ouvir que todas as mulheres são de um jeito e todos os homens são de outro. Ela seria, então, sensível porque é mulher? E se não fosse sensível, não seria uma mulher? Manda um e-mail para o professor, marca outra conversa. Ele fala que poderiam, então, começar a estudar sobre Gênero. Alerta que ele mesmo não sabe muito sobre a temática, mas a esposa dele, Denize Sepulveda, estuda o tema. Hoje (Denize é) vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação de Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da FFP/Uerj e professora da UERJ/FFP, na época ainda professora da FAMATH. Atualmente também coordena o Grupo de Pesquisa e Estudos Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários Espaços-Tempos da História e dos Cotidianos (GESDI).

A ideia do grupo de pesquisa do José Sepulveda era ser um guarda-chuva para diversos temas cujo princípio é o movimento conservador. “Vamos pegar livros de início com ela”, fala o querido orientador. Pegam as primeiras indicações. Em cada leitura, anotam as referências bibliográficas. Montam um quadro com as conexões entre os autores e os novos que descobriram ao longo do estudo.

Essa reflexão do início dessa história retorna quando penso na escrita do mestrado. Esse processo me remete ao trecho do livro “Pistas do método da cartografia”, em que Passos, Kastrup e Kramer comentam : “conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho.” (p.31, 2020).

A estudante é aluna de uma pequena faculdade privada de Psicologia e, entusiasmada com o tema, fala bastante sobre Gênero lá. Finaliza sua graduação em 2016 e faz seu trabalho de conclusão de curso sobre construção de Gênero na educação infantil. Pensa sobre sua vida, reflete sobre o meio que sempre se viu cercada: mulheres e homens, meninos e meninas, adolescentes. A sua primeira *parada gay*, como era chamada na época, aconteceu em 2008. Foi com os amigos, muitos se descobrindo, se vendo, ela mudando o olhar sobre o mundo através do prisma do contato com seus amigos. Relembrar e pensar o presente fez tudo fazer sentido. Estudar Gênero abre o caminho da estudante, da mulher cis, da amiga, da psicóloga.

Sobre o termo “cis”, a psicóloga travesti Sofia Favero em seu livro “Psicologia Suja” (2022) discute a terminologia.

Em minha trajetória acadêmica, pessoal e afetiva com as transgeneridades, posso lhe dizer com bastante certeza que, quando falamos cis, não falamos de alguém. Falamos “cis” quando queremos demarcar uma posição invisível, um “ver tudo” sem ser visto. (...) Cisgeneridade é como o discurso da normatividade corporal circula pela cultura, através de sujeitos, sim, mas não restrita a eles. (FAVERO, S., p.186, 2022)

O termo cis foi utilizado pela primeira vez pela bióloga Dana Leland Defosse em 1994 como forma de comunicar ao corpo acadêmico da instituição que compunha uma terminologia que identificasse quem não era trans. Para isso, buscou na terminologia o conceito de isomeria genética que utiliza os termos “cis” e “trans” para pensar ligamentos de números atômicos no campo do estudo da Química.

Os ligantes atômicos são átomos, íons ou moléculas que se unem a um átomo central em uma molécula para formar um composto químico. No campo dos ligantes atômicos, "cis" e "trans" referem-se à disposição relativa de grupos ligantes ao redor de um átomo central em uma molécula. O termo “Cis” indica que os grupos ligantes idênticos estão do mesmo lado do

átomo central. Já o termo “Trans” indica que os grupos ligantes idênticos estão em lados opostos do átomo central.

Sofia Favero traz em seu artigo “Psicologia cisgênera: notas sobre uma patologização cordial” (2022), que talvez a lógica do "cisgenerizado" venha a partir da própria "coerência" dos termos "transgenerizar" ou "transgenitalizar" (BRASIL. Portaria nº 1707 de 18/08/2008²), como se a forma de se ver, desde a diferença, fosse sempre uma ação estrangeira sobre o corpo imaculado, mas essa seria apenas uma aposta.

A discussão sobre a utilização deste termo não é simples, tem muitos “lados” e posições que tentam dialogar. Existe uma divulgação de que o termo vem da expressão “comfortable in skin” – “confortável na pele”, em inglês inculto³. Essa expressão vira boa parte das discussões de cabeça para baixo. Quem que nesse mundo limitador estaria confortável em sua pele? Será que mulheres cis se sentem tão confortáveis em seu gênero quanto homens cis? Poderíamos, então, utilizar o mesmo termo para designar homens e mulheres nesta atual sociedade?

Ao mesmo tempo, como foi aqui falado, é um termo necessário aos movimentos sociais, principalmente na linha de pensamento da despatologização das identidades trans. A introdução do termo "cis" permitiu uma linguagem mais precisa e equitativa para discutir questões de identidade de gênero. Antes de sua adoção generalizada, as pessoas cisgênero eram consideradas a "norma", enquanto as pessoas transgênero eram frequentemente marginalizadas ou estigmatizadas. Com isso, neste trabalho, o termo cis seguirá sendo empregado.

² Essa portaria foi revogada e ampliada em 2013, mas a pontuação de Sofia permanece e mantém o que disse, com isso sigo com a citação da Portaria de 2008. Porém, para conhecimento, segue: <https://docs.google.com/document/d/10H0bscTP5O1o8DnZTZM-wKoFDNshwns7lfme3tQapFQ/edit> acesso em 01/05/24 às 10:48

³ <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/mulher-cis-e-a-politica-sexual-das-palavras/> acesso em 04/04/24 às 11:23.

No semestre em que a estudante se forma, uma nova professora anuncia que irá começar um curso de extensão que visava aproximar as travestis junto à Psicologia. Pelo menos foi o que ela entendeu na época. Pensou que era uma boa se aproximar dessa professora, oferecer trabalho gratuito em troca de colocar em prática o que vinha pesquisando todo esse tempo. A professora concordou, ela fez o processo seletivo e passou. Iria atuar como psicóloga colaboradora.

Essa aprovação a faz lembrar do Simpósio “Desfazendo Gênero” em 2015 na Bahia, evento que teve como conferência de abertura a filósofa estadunidense Judith Butler, umas das principais estudiosas da Teoria *Queer* e cuja pesquisa versa sobre a performatividade do Gênero. A vinda da filósofa não passou despercebida pelo Brasil. Grupos conservadores foram à porta do evento em São Paulo manifestarem contra o que diziam ser a “ideologia de gênero”, pauta explorada pela massa conservadora, inclusive e prioritariamente durante o período eleitoral. Segundo o Jornal “Diário de Pernambuco” (07/11/17), mais de 350 mil pessoas assinaram uma petição online pedindo a proibição do seminário no Sesc Pompéia.

A Teoria Queer começou a ser produzida por volta dos anos 90 por uma série de estudiosos, principalmente nos Estados Unidos. Entre eles, Judith Butler que é a que ficou mais em evidência, com seu livro “Problemas de Gênero”. Resultado de um caminho que ela já vinha acompanhando desde um seminário, que recebeu o nome "queer", realizado nos anos 80, por Teresa de Lauretis. De Lauretis foi a pioneira em pensar nas "Tecnologias de Gênero", compreendidas aqui como as técnicas de ser homem ou mulher que aprendemos desde cedo. A Teoria Queer propõe questionar as bases do conhecimento, o que entendemos como verdade, como as ideias de uma essência masculina, de uma essência feminina e de uma essência do desejo. Por isso tudo, ouvi-la na Conferência em Salvador reafirmou muito do que já vinha

discutindo até aqui, mas também contribuiu para expandir este pensamento em relação a toda essa teoria.

Esse foi o momento que a estudante percebeu que seu interesse sobre Gênero poderia ofender alguém. Opta por continuar a estudar essa teoria que se posiciona junto à militância que defende os direitos humanos. Butler esteve em dois estados brasileiros, foi em Salvador o primeiro local em que a estudante vivenciou a possibilidade de discutir sobre Gênero com um grupo numeroso de pessoas. Ela sempre esteve apenas com seu orientador pensando sobre o tema e considerava uma boa oportunidade dividir suas ponderações com outras pessoas.

Eduardo Passos, professor de Psicologia da UFF e militante antimanicomial, em seu texto de 2009 comenta que o trabalho da análise vai modificando o campo, seguindo esta direção: da formulação de uma encomenda à definição de uma demanda de análise.

O grupo de mulheres que embasará esta dissertação conta com participantes advindas das cidades de Niterói e São Gonçalo. Cidades onde a estudante foi criada e a que nasceu, respectivamente. Na história do grupo, além do diálogo, criamos caminhos. Estamos há anos nessa construção: sem ganho financeiro, com cada psicóloga construindo sua vida para além do grupo. O mestrado vem, então, para refletir sobre o percurso e sobre o quanto almejamos prosseguir com este trabalho no amanhã. Passado, presente e futuro se misturaram até aqui. Estamos perdidas, não sabemos para onde ir. Construímos muitas coisas. É o bastante? Queremos ir além? Temos força para continuar? Como as ruas das cidades nos veem na atualidade?

Paul B. Preciado, filósofo espanhol, diz que a prática contrassexual se constrói a partir de uma nova arquitetura do corpo (2021). Preciado, em seu livro “Eu sou o monstro que vos fala” (2022), transcreve o discurso que ele tentou falar em 17 de novembro de 2019 em um Congresso de psicanálise em Paris com o tema ‘Mulheres na Psicanálise’. Neste dia, ele não

conseguiu falar todo esse conteúdo pelo incômodo da plateia de psicanalistas que reagiram com risadas e gritos. Trago uma parte desse discurso em que ele se apresenta.

“eu hoje me dirijo às senhoras e aos senhores, acadêmicos da psicanálise, a partir da minha “jaula” de homem trans. Eu, um corpo marcado pelo discurso médico e jurídico como “transexual”, (...) Eu sou o monstro que vos fala. O monstro que foi construído pelos seus discursos e práticas clínicas. Eu sou o monstro que levanta do divã e toma a palavra, não tanto como paciente, mas como cidadão, como um igual monstruoso. (PRECIADO, P. B., p.14, 2022)

Neste discurso, o pensador como é de costume fala sobre si mesmo e sobre suas experiências corporais na sua trajetória de dissidente de gênero e reflete sobre sua atual identidade de gênero. Nos textos que costuma fazer, traz críticas à própria Teoria Queer misturando com novas possibilidades de vida, como o “Manifesto Contrassexual”, livro de sua autoria e que tem nele várias formas e ideias de como experienciar este mundo fora da heterocissexualidade. Também é reconhecido por suas críticas à Psicanálise e à essa Psicologia que vem querendo falar e pensar sobre a transexualidade.

É um autor visceral que traz em seus textos a sua forma de ativismo como, por exemplo, falar da indústria farmacêutica e de como vinha sendo visto até então o “tratamento transexualizador”, explorando seus próprios relatos do uso da testosterona. Ao recorrer às ideias de Preciado, busco uma nova arquitetura corporal para o corpo da GSEX com o intuito de desvelar, através desse processo, a grupa⁴ no presente texto.

A mexicana lésbica Gloria Anzaldúa, desempenhou um papel de grande relevância na redefinição de identidades *chicanas*, lésbicas e *Queer*. Trago uma citação de Anzaldúa (1981)

⁴ Como recorremos ao uso da palavra grupa e não grupo? A psicologia tem como grandes referenciais homens, é comum ouvirmos a palavra psicólogo e não psicóloga, mesmo a quantidade de mulheres na profissão sendo muito maior que a dos homens segundo o Infográfico do CFP atualizado em 2022. Enquanto construímos a GSEX tivemos 2 homens como integrantes, mas em sua grande maioria sempre foram mulheres, o que para nós sempre foi de extrema importância. Já fazem alguns anos que só temos psicólogas e acredito que por isso fazemos questão de nos referenciarmos no feminino.

para dizer que, para nós da GSEX, “é difícil pensar que podemos escolher tornarmo-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam.” Apostando na importância do trabalho que construímos até aqui, escolho acreditar que somos escritoras da nossa história e queremos nos mostrar para todos que irão ler este estudo e o que futuramente produzirmos.

Como toda boa história, é preciso revisitar o passado para pensar sobre o presente e o futuro. A Psicologia também necessita disso. As autoras Denise Barcellos da Rocha Monteiro e Ana Maria Jacó-Vilela (2023), no texto “Fios, seduções e olhares: os primórdios ‘psi’ nas terapias para corpos e mentes perturbados”, indicam que, em 1774, no estudo das doenças, se acreditava em fluidos magnéticos pelo corpo humano e que determinada patologia se estabelecia pelo desequilíbrio desses fluidos. Já outros estudiosos negavam essa teoria e alertavam sobre os perigos da promiscuidade e da histeria.

No início do século XIX, destacam a importância da observação atenta e da Empíria, isto é, o método de adquirir conhecimento através da observação e experiência direta, contrastando com a teoria ou especulação. Nessa época, olhavam-se os sinais da doença com o intuito de categorizá-la. Foucault (1977) afirma que, nesse sistema que caracterizou a Clínica do século XVIII, a ênfase é dada na saúde (vigor, flexibilidade, fluidez que são reduzidos pela doença) e não na noção de normalidade (norma e desvio de funcionamento) (p.164). Nesse sentido, a patologia era entendida como fenômeno da natureza e o local de observação e cuidado era o familiar: o domicílio.

Na virada do século XVIII para o XIX, destaca-se o surgimento da Medicina contemporânea. Com isso, há uma valorização da percepção médica e do uso do hospital como lugar da doença e da observação dos fenômenos. O olhar médico passa a ser capaz de perceber,

examinar, determinar semelhanças e discrepâncias, categorizar o padrão e sinalizar a divergência.

Todas as formas, todas as modificações no espetáculo da observação permitem que se identifiquem as repetições, as identidades, das quais emerge uma verdade. E se é no campo da clínica que esta verdade é desvelada e pode ser conhecida, é ali também que ela pode ser ensinada, configurando um espaço de espetáculo, mas sobretudo de espetáculo pedagógico. (RODRIGUES, H. de B. C., p. 611, 2023)

Em 1878, Charcot utiliza a técnica da hipnose para demonstrar que o problema da histérica existia independentemente dos fatores externos e que era possível induzir sintomas através da sugestão. Um dos estudiosos que frequentavam os cursos de Charcot na Escola de Salpêtrière foi Freud. Este se baseia na hipnose e na psicoterapia, técnica que vinha sendo promovida pela Faculdade de Nancy na França, que também seguiam da mesma Escola. O importante aqui é salientar o advento de “uma clínica que se fundava na escuta e não mais no olhar.” (JACÓ-VILELA, A.M. e MONTEIRO, D. B. R., 2023, p.170). No Brasil essa abordagem teve o interesse de D. Pedro II.

Em 1832, regulam-se as faculdades de Medicina no Brasil e se derrogam as práticas curandeiras, bem como outras formas tradicionais da cultura popular brasileiras de aplacar morbidades. O Hospício Pedro II foi inaugurado em 1852 no Rio de Janeiro com o psiquiatra Teixeira Brandão que introduziu a “terapêutica moral”. A Psicologia francesa permanece forte no país com a influência de Binet e do uso dos testes.

Avançando um pouco na história, acredito ser importante trazer uma experiência que ficou conhecida como Psicoterapia Institucional. O psiquiatra François Tosquelles foi enviado em 1940 ao Hospital de Saint Alban, em Lozère, na Espanha. Era um profissional reconhecidamente militante no campo da Reforma Psiquiátrica. Durante a guerra civil espanhola, participou da reorganização dos serviços psiquiátricos mantendo o hospital de

portas abertas e, assim, fazendo com que os pacientes convivessem com a comunidade próxima. Essa convivência, inclusive com participantes da resistência francesa, fez os médicos observarem curas nos pacientes. “Sentindo-se úteis na luta antifascista, os pacientes superavam inclusive seus sintomas mais graves” (RODRIGUES, H.B.C., 2023, p. 612).

Esse é um momento em que se demonstra a importância da transformação da instituição psiquiátrica, fomentando uma democratização das relações entre as equipes técnicas. As práticas grupais surgem como um dos principais recursos para esse cuidado. Essa história me faz lembrar das memórias que trago do início das supervisões de estágio. Lembro da supervisora falar que nenhuma estagiária iria atender uma travesti sem ter visto ela beber e rir em uma festa antes. Pensar nesse cuidado que não se faz isolado, que se faz também através do convívio. Funcionamos, então, desse jeito: nas supervisões de estágio, a cada semana, os estudantes tinham que trazer quais eventos frequentaram ou locais que foram. Acompanhar os movimentos da cidade é como buscar bibliografia, entendendo primeiro quem são esses movimentos e esses ativistas, para compreender como acessá-los.

É como ler um artigo que você gosta muito e buscar nas referências bibliográficas para entender com quem aquele autor dialogou para chegar naquela ideia. Ver cada movimento social, reparar nos locais e em quem estava ali repetidas vezes, seguir essa pessoa, acompanhar quais eventos e que lugares da cidade ela frequenta.

Nessa época, em 2016, a “Casa Nem” promovia muitos eventos. Uma casa de acolhimento para *travestigêneres*, termo cunhado pela idealizadora ativista Indianarae Siqueira, presidente do grupo “Transrevolução”, fundadora e coordenadora da “Casa Nem”, localizada no Rio de Janeiro e que, nessa época, funcionava no Beco do Rato, no Centro.

Interessante falar aqui sobre o uso do pronome neutro que é uma importante pauta de ativiste Indianarae e de boa parte do movimento LGBTQIAPN+. Cito um trecho do Manifesto

ILE para uma comunicação radicalmente inclusiva do *Diversity BBOX* (2014) em que diz: “Nossa língua não previu a mudança de paradigma que está acontecendo no nosso tempo. Nossa língua não é flexível o suficiente pra designar alguém que não se sente nem homem, nem mulher.” A linguagem neutra vem, então, sendo produzida com o objetivo de acolher toda manifestação de gênero.

Incluimos esse local como roteiro do estágio. Trazíamos a experiência através de um outro ensinamento da supervisora: “façam diário de campo”. Esse é um dos nossos instrumentos de pesquisa. Recorro, inclusive, ao diário de uma das psicólogas para lembrar sobre esse período.

Sobre o ‘lugar’ do psicólogo, foi uma das poucas vezes que questionei este lugar. Percebi que sempre falamos sobre “nossa” escuta e pouco da “fala” do outro. Na “Casa Nem” todas as paredes são escritas. Ninguém lá pediu nossa presença. Essas pessoas demandam um lugar de fala independentemente da nossa atuação. Lá, elas tiveram o espaço que jamais conquistaram em outros lugares.

Encontrar-se em um ambiente onde a Psicologia não é bem-vinda, mas está presente, nos desobrigou de demonstrar nossa presença. Não existe um desejo de se fazer presente, de oferecer serviço, de ser um ponto de apoio. Relembrando a história do estudo das doenças, falava-se da “lógica botânica” (p.165): Foucault explicava que se dava no ambiente “natural da espécie”, mas que o olhar do médico retirava isso, fazia com que a espécie necessariamente tivesse que ser observada em um “local apropriado”, onde somente o olhar médico fosse o primordial. Claro que o termo “espécie” pode não ser o mais adequado aqui, mas o que quero enfatizar é que, antes da Medicina se colocar como a validadora do saber sobre o outro, a observação se legitimava empiricamente.

Inicialmente, a psicologia se constituiu como uma tecnologia de individualização, quer dizer, emergiu mais como uma “ciência positiva” do que como uma subcategoria da filosofia quando mudou suas

responsabilidades da teoria geral da mente para um campo prático: a criação de mentes calculáveis e de indivíduos administráveis. (ROSE, N., p.2, 2008)

Nikolas Rose traz, com essa citação, um lugar onde a Psicologia esteve em seu advento como disciplina e que, hegemonicamente, ainda está. Uma Psicologia que categoriza, classifica e intervém nunca foi nossa proposta. Mas tendo esse ensinamento na formação e em muitos outros locais de encontro da profissão, é importante saber como não ceder ao hegemônico. Como evitar cair no mesmo lugar que a narrativa nos forçava a permanecer? Acredito que, aqui, seja importante nos valermos do arcabouço da Análise Institucional e que essa expressão tem, por conseguinte: instaurar uma abertura no campo analítico, até então restrito a ação dos especialistas *psi* e à consideração de fatores *psi*.” (p.620)

No texto “‘Sejamos realistas, tentemos o impossível!’ Desencaminhando a Psicologia através da Análise Institucional”, Heliana de Barros Conde Rodrigues (2023) traz a história da Análise Institucional no mundo e como foi sua chegada no Brasil. A Psicossociologia se estende no pós-guerra em alguns países. Nos EUA, as práticas grupais apresentavam uma natureza majoritariamente adaptativa, porém, na França, tais práticas foram redesenhadas com o intuito de promover mudanças de teor libertário. Cito como um ponto forte dessa história que já foi aqui mencionado a experiência da “Psicoterapia Institucional”. As práticas continuaram muito em volta da Educação, principalmente entre pedagogos.

Lapassade em 1962 apresenta a relevância de considerar a Instituição em detrimento do enfoque anteriormente dado às relações sociais. Ele foi assessor da Residência Universitária, fato que o fez se aproximar da UNEF (União Nacional dos Estudantes Franceses). Lá, ele conduziu uma atividade em equipe com o propósito de possibilitar aos participantes a percepção da restrição da análise apenas às questões internas do grupo, tais como afetos e lideranças, que encobrem as condições de formação do grupo em si.

Em suma, com Lapassade, o institucional deixa de ser um nível adicional ao grupal (ou organizacional). (...) A *ordem institucional*, que *atravessa*

grupos e organizações, deve ser trazida à luz por uma análise em situação. Daí seu necessário caráter de *INTERVENÇÃO*, que embora não elimine o trabalho psicossociológico, propõe que este seja permeável a todas as (des) institucionalizações. (RODRIGUES, H. de B. C., p. 619, 2023)

Pensando nisso, acredito ser importante entender a história da Análise Institucional no Brasil. Considero que ela está profundamente vinculada aos movimentos sociais, políticos e acadêmicos que marcaram o país ao longo das décadas. Essa abordagem teórica e prática surgiu como uma resposta às demandas por transformações sociais e a necessidade de compreender e intervir nas instituições de forma crítica.

A Análise Institucional teve seus primeiros contatos com o Brasil por meio de intelectuais e profissionais que estavam familiarizados com as correntes de pensamento europeu, especialmente a Psicanálise e a Sociologia. Como dito anteriormente, o teórico Georges Lapassade e René Lourau, que foi um sociólogo francês conhecido por suas contribuições para a teoria e prática da pesquisa participante e análise institucional, tiveram grande influência neste processo. O golpe militar de 1964 e o regime ditatorial que se instaurou no Brasil restringiram a atuação política e acadêmica, gerando um ambiente hostil para abordagens críticas. No entanto, durante esse período, a Análise Institucional encontrou espaços de resistência e atuação, muitas vezes ligados a movimentos sociais e experiências coletivas que buscavam enfrentar o autoritarismo.

Com o fim da ditadura militar, na década de 1980, houve um florescimento das discussões em torno da democracia, participação social e transformações institucionais. A Análise Institucional, nesse contexto, ganhou maior visibilidade e se consolidou como uma ferramenta teórica para compreender e intervir nas instituições de forma democrática e emancipadora. Diversas instituições acadêmicas e organizações sociais passaram a incorporar os princípios da Análise Institucional em suas práticas. O diálogo interdisciplinar entre

Psicologia, Sociologia, Serviço Social e outras áreas contribuiu para a disseminação dessa abordagem, enriquecendo-a com diferentes perspectivas.

Ao longo das décadas seguintes, a Análise Institucional no Brasil diversificou-se em várias correntes e se adaptou a diferentes contextos. A abordagem também incorporou influências de outras linhas teóricas, como a psicodinâmica do trabalho e a Psicossociologia. O IBRAPSI (Instituto Brasileiro de Psicanálise) tem um grande destaque nessa história: eles promoveram diversos cursos e geravam materiais escritos dos seus estudos. Começaram a apostar também, na década de 1980, em estudos sobre práticas grupais, se reunindo com outro grande teórico, Gregorio Barenblitt. “O Psicanalismo”, livro de Robert Castel e “O anti-Édipo” de Deleuze e Guattari são, também, importantes influências teóricas. A perspectiva, então, passa a ser menos focada na Epistemologia - reduzindo a importância da cientificidade - e mais voltada para os aspectos sócio-políticos.

Na cidade de São Paulo, a presença da Análise Institucional está primordialmente associada ao movimento da Reforma Psiquiátrica (Brasileira), cujo percurso conduz ao predomínio da perspectiva basagliana de *desinstitucionalização* (RODRIGUES, H de B. C., 2023, p. 650). Conceito este muito presente na prática que construímos com a GSEX e que será apresentada ao longo da dissertação. Em São Paulo também se dá início aos dispositivos que hoje conhecemos como CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e que é criado como equipamento substitutivo aos manicômios na Reforma Psiquiátrica Brasileira. Como observado por Heliana Conde, talvez tentemos o impossível, isto é, romper com os cientificismos, profissionalismos e especialismos historicamente cristalizados - entre eles, as práticas ‘psi’ em geral e a Psicologia, em particular.

Entendendo que precisávamos estar nas ruas, junto aos movimentos, nossa frequência se torna constante nos municípios. Frequentando eventos, reuniões e festas, todos se apresentavam, falavam a qual grupo pertenciam ou se estavam por si só. Pensando nisso,

entendemos que precisávamos ter um nome. Mas qual nome? Precisava dizer sobre o que pretendíamos falar. Nessa época, estávamos mapeando violências contra LGBTs ao mesmo tempo em que fazíamos rodas de conversa sobre gordofobia e também um grupo de cuidado para mulheres do (MTST), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

Queríamos que a ideia de trabalhar com Gênero e Sexualidade fosse abrangente a todo e qualquer gênero e suas nuances e acolhesse as diversas sexualidades. Refletimos intensamente sobre as siglas, modificamos letras inúmeras vezes. Surge, então, o nome GSEX: Grupo de Gênero, Sexualidade, Corpos e Psicologia - essa grupa é o tema impulsionador e que justifica essa dissertação.

A supervisora, em muitos momentos nos encontros que tínhamos para falar sobre nossa atuação, trazia o termo análise de implicação. O termo proposto por Lourau visa pensar a base do pesquisador e se refere à análise de como estamos em um lugar, o que levamos conosco e o que vemos e vivenciamos enquanto nossos corpos estão nessa experiência. Em nossas reuniões, frequentemente discutimos a importância de estar atento para lidar adequadamente com a crescente demanda de violência que nos chegava.

Depois de algum tempo realizando esses acolhimentos, os movimentos sociais pediram que fossem feitos grupos de cuidado. Desde então, realizamos grupos de cuidado através do Psicodrama. O Sóciopsicodrama, que tem como criador Jacob Levy Moreno em 1920, além de fortalecer a lógica do cuidado coletivo, enfoca outros aspectos que ultrapassam a fala e integram a expressão corporal, o gesto, a dramatização e a emoção.

Em 2019, participamos do “Mapeamento sócio-cultural-afetivo de lésbicas e mulheres bissexuais no Complexo da Maré”. Em 2020, atuamos no “Estudo Multicêntrico sobre os Perfis Socioeconômicos, Geográficos, Culturais e de Vulnerabilidade de Travestis e Transexuais” de âmbito nacional. Desenvolvemos o projeto que se constitui como uma segunda fase do “Mapeamento sócio-cultural-afetivo de lésbicas e mulheres bissexuais”, desta vez nas favelas

de Niterói e São Gonçalo (2022), em fase de finalização dos dados. Junto a esses lugares, participamos de reuniões em cidades, eventos, fóruns, assembleias, festas e bares. Fomos convidadas a falar em muitos espaços e oferecer suporte a diversos projetos.

Ocupamo-nos de pensar estas cidades e como as vidas dissidentes estão nelas. O termo vidas dissidentes diz respeito a formas de viver que se afastam das normas sociais predominantes, questionando os padrões estabelecidos de conduta, identidade ou ideologia. Por onde andam, riem, se divertem, são violentadas e se cuidam. Quais ruas têm as marcas dessas pessoas e em quais não se vêem passando. A Psicologia é nosso corpo e, como todo corpo, acumula histórias que vão nos moldando. O objeto de estudo escolhido é exatamente este corpo e entender como foi esse moldar. Nessa grupa sou hoje coordenadora geral, mas fui psicóloga colaboradora, vice-coordenadora. As funções se misturam e nos mexemos a cada nova demanda.

Acredito que esse trabalho é um marco importante para entender a Psicologia que se faz no junto e que não quer só ficar na observação. Uma psicologia que se mistura e que, nessa alquimia, se transforma. Que acredita e potencializa os encontros e os sorrisos, os bares e as histórias, mesmo em contextos de tanta violência. Que está mesmo onde a cultura do medo torna-se um analisador, mas que não encaramos aqui como um ditador das nossas práticas. Uma Psicologia que não cria demanda e, apesar de valorizar a Clínica e seu modelo, percebe que psicólogas voltadas a trabalhar para um público que resiste na rua precisam estar na rua. O que pode a Psicologia na afirmação de um mundo sem produção de ódio a expressões sexuais e de gênero?

A história de uma cidade é a maneira como os habitantes ordenaram as suas relações com a terra, o céu, a água e os outros homens. A História dá-se num território, que é o espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal. (SODRÉ, M., p. 24, 2019)

A cidade escolhida para a nossa atuação é Niterói, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, local de passagem entre dois grandes municípios: Rio de Janeiro e São Gonçalo. O seu circular é passageiro como os estudantes das várias universidades que ali se encontram, misturados aos moradores antigos que não querem se mudar. “*Moro em São Gonçalo, gosto de Niterói*” o rap “Fazenda dos Mineiros”, do MC Sargento, traz o encruzamento dos caminhos dessas duas cidades. Um encruzar que se faz necessário analisar quando atentamos para a história da GSEX ao realizar esse cuidado com a cidade de Niterói.

Todavia, a primeira pessoa violentada que chega é de São Gonçalo. Isso deve dizer o quanto esses dois lugares estão conectados.

Na atualidade, diferentes formas de extermínio são realizadas nas metrópoles. O mais conhecido seria a morte de alguém indesejável. Extermina-se o intolerável, mata-se o que está fora da ordem das coisas e dos afetos. A biopolítica do atual apresenta-nos uma modalidade peculiar: a eliminação no corpo da presença da cidade. (MARTINS e col., p. 21, 2016)

Nessas cidades, o mercado sexual existe e as travestis fazem parte dele, com suas ruas devidamente marcadas. Há uma divisão do centro da cidade entre as ruas para prostituição e as ruas para passeio e para o comércio legal. Caminhos que no dia claro significam uma realidade, mas quando o sol se põe é completamente diferente.

Um dos trabalhos da GSEX é pensar o anoitecer e buscar entender onde elas estão quando o sol está escaldante. Será que entram para respirar no ar condicionado do shopping? Quando passam mal, vão até o posto de saúde? Elas circulam nessas mesmas ruas entrando em suas lojas ou só vão lá no escuro da noite? Questões como essas orientam um dos projetos da grupa, que visa entender esse circular na cidade.

No dicionário, o termo cidadã traz como significado: “Aquela que habita uma cidade.” (Dicionário Online de Português, 2023). Curioso esse significado. Curioso para esse trabalho que objetiva exatamente refletir sobre isso: que cidade essas pessoas habitam?

O método (da pesquisa) é o da recusa a investigar a intimidade, ou a fazer com que falem (os sujeitos); ao contrário, a aposta é nos rastros e no silêncio, na cata e na escrita dos restos. Trata-se, então, não de escrever uma história sobre os corpos, mas de inscrever certos corpos na história dos fragmentos, dos rastros deixados pela retirada abrupta de vidas da cidade. (MARTINS, B., p. 9, 2017)

Junto a essa prática e outras que fui tendo desde que me formei em 2016, acredito que a GSEX foi a que mais formou a psicóloga que sou hoje e que me é base para toda a atuação que tenho no SUS, Assistência Social e nas diversas outras áreas de atuação. Um trabalho que vem sendo formado por diversas mãos desde que tudo começou, que enfrenta a falta de financiamento batendo de frente com o comprometimento com os vínculos já estabelecidos. A frase utilizada depois da derrota presidencial em 2018, “ninguém solta a mão de ninguém”, se encaixa perfeitamente para essa grupa, onde uma vez que falamos a essa população e aos movimentos sociais que estaríamos juntas, estamos até o momento.

Se faz necessário pensar a psicologia proposta por essa grupa, a psicologia já descrita que vai de encontro às ruas, que não vai se fazer neutra, se misturando aos corpos e ao corpo da pesquisadora. Refletir sobre as cartografias criadas para os reconhecimentos pelos movimentos sociais, instituições e população LGBTQIA+. A prática de se botar nos lugares, viver as risadas, as amizades e discordâncias antes dos atendimentos.

Antônio Lancetti, psicanalista argentino e grande nome da reforma psiquiátrica, utilizando de um termo falado por ele em 2015, a “contrafissura⁵” sempre é algo que parece inerente ao trabalho da psicologia quando se fala da violência a populações vulnerabilizadas. Com isso, é importante pensar como a GSEX atua com essas violências, a metodologia de ir aos encontros não só do que aconteceu mas de onde, como foi, quais pessoas eram próximas.

⁵ Contrafissura segundo o autor é o fenômeno de resolver de modo imediato e simplista problemas de tamanha complexidade no que se refere à questão de álcool e outras drogas. Trago esse conceito entendendo que não se resume a prática com o público AD.

Um encontro que não é voltado a salvar a vida, mas pensar a cidade e, quem sabe, tratar essas ruas para que outras pessoas LGBTQIA+ não sofram tais atos.

Um dos conceitos que atravessam a minha prática enquanto psicóloga é o da transversalidade, com ele é possível problematizar o lugar da neutralidade e inclusive do especialismo. Percebi então a importância de estar implicada no que de fato busco em meu trabalho e fazer análise do quanto essas questões me atravessam no dia a dia, assim como reajo às mesmas. Ciente de que no decorrer da história de luta LGBTI+ a psicologia também foi uma barreira a ser atravessada, estando do outro lado patologizando e diagnosticando.

Sabendo que ainda hoje os mesmos sofrem por afirmações que foram feitas pela minha profissão no passado. O meu objeto de estudo não é e nem nunca deveria ter sido essa população, mas sim a forma como a sociedade dita e produz formas de ser, ditando o que é “normal e/ou natural”, contribuindo assim para o aumento do preconceito e discriminação dessa população.

O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça no percurso suas metas. A reversão, então, afirma um hódos-metá. (PASSOS e col., p. 17, 2009)

Concluo esta introdução com a ponderação da professora Cecília Coimbra (2003), compreendendo a Psicologia amalgamada à Política e que nega os modelos hegemônicos, voltando-se radicalmente para a produção histórica. Uma Psicologia, constantemente atravessada e contaminada pelo território. Através dessa “Psicologia Suja”, almejamos afirmar nossa atuação não orientada pelo princípio de uma suposta neutralidade mas, pelo contrário: por um fazer implicado no e com o mundo (p. 244). Estas experimentações que nos constituíram são foco do trabalho que aqui apresento e discuto.

O FAZER-ESCRITA COLETIVA

A metodologia desta dissertação se baseia em escrever a memória da GSEX, trazendo junto da sua história a montagem do método utilizado por essa grupa enquanto psicologia com a cidade. Entendendo que escrever a memória de um dispositivo em que a escritora aqui participa desde seu início não é uma tarefa fácil, a análise de implicação precisa aparecer muitas vezes. A mestranda precisa planar pelas histórias, olhá-las como um todo, separá-las e selecionar quais serão trazidas, com quais justificativas e o que elas dizem da metodologia do dispositivo.

Na análise de implicação aparece as perguntas que tenho feito sobre essa história. O que essa narrativa está trazendo? Para onde ela está levando? Quais histórias organizaram esse caminhar da GSEX. Como uma antena parabólica, a atenção do cartógrafo realiza uma exploração assistemática do terreno, com movimentos mais ou menos aleatórios de passe e repasse, sem grande preocupação com possíveis redundâncias (KASTRUP, V., 2009, p.42). Voar por cima das memórias da grupa, observá-las e destrinchar mais elas é o objetivo deste trabalho.

Essa história nos ensina o que é a verdadeira narrativa. A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, W., p.204, 1985)

É feito o uso da narrativa como método de escrita. Entendendo a importância de dar mais destaque a essa forma de escrita e da potência desta. No livro *Por uma escrita dos restos* (2017) de Beatriz Adura, diz que os fatos ocorridos, quando tomados na distância, não escapam ao interesse do presente; pelo contrário, esse espaçamento garante que o presente aconteça (p.113). Assim como neste livro, a ideia é trazer relatos ocorridos que se juntam ao presente de qual psicologia continua a ser proposta.

Em alguns momentos, faço uso de nomes fictícios para alguns personagens para protegê-los. Embora certas histórias presentes aqui tenham também sido relatadas pela mídia em larga escala. Algumas pessoas já faleceram, outras não temos mais contato para pensar se estão confortáveis com a escrita. As que seguem vivas e próximas, estarão na leitura e na conversa sobre o texto.

Utilizo de diários de campos feitos por mim enquanto integrante da grupa e também das demais integrantes,

Não tratamos dos diários como expressão de uma interioridade psicológica e/ou de algo oculto, de uma intimidade secreta a ser confessada pela escrita do mundo privado. O diário de campo é um dispositivo de intervenção para Lourau (1993), para fazer pensar e romper com as ordens instituídas. Se para Lapassade é a explicitação dos conflitos e da dureza da burocracia com suas práticas cristalizadas e reprodutivas, podemos dizer que para Lourau se tornou a tática de deslocamento de si e dos outros na prática de pesquisa. (NASCIMENTO, M. L. e LEMOS, F. C. S., p.4, 2020)

Entendendo que os diários foram sempre uma das técnicas utilizadas na grupa, peço para que venham então para este trabalho. Com eles vêm o olhar, a experiência do passado, como atravessou cada uma de nós. Faço uso deles para analisar o presente, como essas experiências se conectam com o que queríamos e com o que conseguimos trazer. Olhar para eles é uma forma de perceber quais lugares conseguimos alcançar e também perceber como o método da GSEX foi se construindo.

Escrever para pensar, escrever como criação, escrever como estratégia de análise, escrever como ato político e ético, eis a proposta da análise institucional ao lançar a ferramenta: diário de campo como uma tática de luta e de produção de saberes (p.5, 2020). Reafirmo o que Maria Livia e Flavia trazem neste trecho, reler e escrever em cima dos diários de campo é significativo neste trabalho.

Dialogo com muitos autores durante esta pesquisa. Para pensar as narrativas trago Walter Benjamin e Beatriz Adura. Sobre a cartografia das cidades, faço uso de Marcelo Santana, Luiz Antônio Baptista e Muniz Sodré. Com a psicologia e o cuidado coletivo dialoguei

com muitos mas principalmente Sofia Favero, Céu Cavalcanti, Paul Preciado, Antônio Lancetti, Regina Benevides, Heliana Conde. Toda a construção sobre o cuidado junto a população dissidente de gênero e sexualidade também são muitos, mas faço destaque a Paul Preciado, Judith Butler, Leticia Nascimento, Jota Mombaça, Jovanna Baby. São muitos os diálogos para construção de um texto.

Outro diálogo feito é com os parceiros dessa história, que inclusive são citados durante o texto. Foi comum perguntar datas e sensações das histórias do passado e trazer tudo isso ao presente como forma de análise. Esta história é coletiva o tempo todo.

A ética do cartógrafo é, portanto, uma ética transdutiva e transversal que se traduz na capacidade de transferência amplificadora e intensiva, na qual sujeito e objeto de pesquisa se apresentam como duas dimensões distintas, porém inseparáveis, de uma mesma realidade reticular. É também a inseparabilidade entre sujeito e objeto que anima a cartografia no duplo desvio que esta propõe ao processo de investigação do mundo. (ESCÓSSIA, L. da e TEDESCO, S., p.106, 2020)

O método de escrita e a metodologia da GSEX que é o objeto de estudo se conectam e se complementam. Se juntam para desenhar o corpo dessa psicologia.

CAPÍTULO UM - CIDADES

As ruas e as nomenclaturas

O sistema sexo/gênero é um sistema de bioescritura (PRECIADO, p.37, 2004). Recorro mais uma vez a Paul B. Preciado, para abrir essa parte. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história humana como a história da produção e reprodução sexual em que alguns códigos são naturalizados, outros são omitidos e outros são sistematicamente eliminados ou cruzados. Nesse sentido, entendemos que existe uma arquitetura do corpo moldado pelo sistema cisheteronormativo, onde diz o que cada parte é, para que serve e com quem pode ou não se conectar.

Nas discussões de supervisões era comum o tema: desconstruir as identidades. Lembro sempre que queríamos debater o quanto as identidades eram importantes para os movimentos sociais, isso vindo puramente da nossa cabeça. Já faz um tempo que rememorando essas discussões percebo que nem estava entendendo a que nível o debate deveria chegar. Nós, como um grupo de psicólogas, estávamos ali para debater, trazendo a psicologia no centro do debate.

(...) em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o status auto-idêntico da pessoa? Em que medida é a “identidade” um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência? E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis da identidade? (BUTLER, J., p. 38, 1990)

Butler aqui nos traz o cerne da discussão que na época me fazia bem menos sentido. Dentro da GSEX existia um cuidado no aprendizado da supervisora para que não cristalizasse nas identidades. Pensando no caminho de muitos profissionais que trabalham com este público, infelizmente é comum ver a fala como se só existisse um modo único de ser travesti ou que as lésbicas faladas no plural fossem todas iguais e por aí vai. Conhecer o território e as pessoas

que poderiam participar do cuidado nas ruas, em seu local de diversão, traz um entendimento mais amplo do que só pensar a sigla num todo.

Uma coisa era certa, estávamos querendo falar com pessoas dissidentes de gênero. Butler (1990) afirma que gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Coerência essa com o padrão cisheteronormativo branco que vivemos. O nosso público, assim falando, é todo aquele que entra em discordância com este padrão.

Cavar no espaço aberto pelo desejo e pelo prazer, uma trilha que garanta a deambulação conjunta, entre pesquisador e leitor, para que se compreenda uma parte do tempo presente e para que não se anule em narrativas meramente extensivas a beleza do que se extingue no momento mesmo em que se escreve sobre um acontecimento ou se lembra do mesmo. (SANTANA, M., p.25, 2006)

Em um dos dias de supervisão, tínhamos como pauta pensar em ideias de evento ou intervenção que faríamos. Estávamos no início da nossa história, era novembro de 2016. Tínhamos assistido algum filme que movimentou a ideia de fazermos uma intervenção no banheiro da faculdade em que estávamos. A ideia era simples. As frases escolhidas foram: “Você já pensou que o seu banheiro oprime? Você já pensou que mijar é universal? Por que mijar tem que ter uma divisão? Por que o seu xixi é privativo ao seu gênero?”. Fomos então colar nas paredes dos banheiros masculinos e femininos na faculdade e chamar para uma roda de conversa denominada ‘O banheiro que queremos’.

Entre várias ideias que tivemos, lembro que pensamos até em fechar o acesso a um dos banheiros de algum gênero colocando um cone na porta com algumas placas, assim fazendo com o que banheiro que restasse se transformasse em unissex. Nestas placas que tínhamos planejado botar na porta teriam as seguintes frases: “Desvie se seu corpo for esquisito. Você

tem certeza que pertence a esse banheiro? O que te garante esse banheiro? Por que você escolheu esse banheiro?''.

Discutimos sobre o assunto e pensamos que poderia causar muito mais problemas do que incentivar o pensamento sobre a questão. Então permaneceu a ideia de colocar as frases nos banheiros, como algo que conseguíssemos falar o que pensávamos, fazer refletir e que não gerasse um sentimento de violência para as pessoas que lessem. Queríamos continuar com a radicalidade da ação, mas entendendo o que seria considerado radical naquela instituição.

Essa intervenção deu uma grande repercussão na nossa pequena faculdade, os papéis foram arrancados rápido demais. Durou no máximo uma manhã a conversa de corredor de quem conseguiu ver as frases aconteciam. Parecia que todos falavam sobre o assunto, tentavam entender o que estava acontecendo, demonstravam curiosidade misturada com repulsa. Estávamos no começo da grupa e já sentimos como eram os olhares se voltarem para nós. Recorro mais uma vez ao diário de campo para trazer como nos sentimos com tudo isso.

Como essa palhaçada me afetou? Pra dizer isso primeiro acho que eu tenho que relembrar o porquê entrei nessa temática. Como sou uma pessoa que gosta de discussão e juntando ao fato de que me sentia presa e menosprezada pelos estereótipos do meu gênero, resolvi estudar isso para ter material palpável para futuras discussões. Mas na verdade, nunca quis entrar nessa área como militância porque nem pensava nisso. Eu só entendi que essa área podia ofender alguém quando fui no evento em Salvador que teria a Judith Butler e vi que tinham manifestações contra ela. Daí eu entendi que as pessoas não viam a liberdade que eu via com esses estudos. Ver isso que aconteceu me faz perceber o quanto eu ainda não entendi a repulsa que as pessoas sentem sobre o assunto e ao mesmo tempo fez ficar mais forte e acreditar cada vez mais nessa temática. Doeu, machucou.

Nessa época estávamos no início da exploração de todo esse estudo sobre gênero. O banheiro era algo fundamental. Tão fundamental que é pauta recorrente no movimento conservador até hoje em 2024. Tendo sido utilizado como alvo das fake news na eleição presidencial de 2022 e também na anterior.

Essa recordação vem para pensar em quem arrancou os bilhetes do banheiro e o porquê disso. Uma reflexão que tinha um direcionamento simples mexeu tanto ao ponto de alguém sentir vontade de arrancar o papel, de querer tirar qualquer vestígio daquelas perguntas. Uma instituição que tem um curso de psicologia bem reconhecido na cidade não queria então fazer perguntas básicas? Quando falo aqui ‘básica’ me refiro a refletir sobre como pode um banheiro, uma necessidade, incomodar tanto.

Uma notícia do G1 de 05 de janeiro de 2016, conta que o Plenário do Senado brasileiro teve banheiro feminino 55 anos após inauguração. A falta do banheiro aqui conta uma história, conta a lacuna de mulheres na política, por exemplo. O banheiro traz tamanha discussão e às vezes até desespero, mas não é um fato novo. Recorrendo ao texto que lemos para essa intervenção e de onde saiu nosso norte, “Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/ Feminino”, Preciado (2018) diz em um trecho que “ninguém nos pergunta se vamos cagar ou mijar, se temos ou não diarreia, ninguém se interessa pela cor nem pelo tamanho da merda. O que importa de fato é o GÊNERO.”

Entro na internet para pensar nessa discussão do banheiro nas cidades que atuamos e a primeira notícia de 2023 que aparece é sobre a vereadora eleita Benny Brioly, primeira vereadora trans da cidade, em uma discussão com Douglas Gomes de um partido conservador, sobre uma medida que o vereador quer aprovar que impede o uso de banheiros femininos por

travestis e mulheres trans⁶. Esta medida além de impedir muitas mulheres de acessarem a Câmara, visava impedir diretamente a vereadora de poder fazer suas necessidades no seu local de trabalho, no qual foi democraticamente eleita.

Sobre o município de São Gonçalo a primeira notícia que surge no google é uma fake news sobre o então candidato a prefeito do Partido dos Trabalhadores, Dima Gadelha, em que diz que se eleito irá implementar banheiros unissex nas escolas municipais⁷. Além dessa, a segunda notícia é que duas travestis foram impedidas de usar o banheiro feminino no shopping do município⁸.

A importância de trazer todas essas notícias é para explicitar o quanto o assunto do banheiro é necessário e o porquê para a GSEX foi tão significativo esse evento. A recusa da faculdade em falar sobre isso poderia ter gerado um desânimo no grupo, mas serviu de combustível para pensarmos mais formas de intervenção. Na época, nossa supervisora estava viajando para um congresso e conversamos com um outro professor sobre o que aconteceu e como estávamos nos sentindo. Esse professor que sempre foi muito tranquilo, tentava nos acalmar e a gente só dizia da raiva que estávamos sentindo pelo quão achamos desrespeitoso e autoritário a atitude de encerrar uma discussão só arrancando os papéis e fingindo que ela não existia.

Requinte e luta

A psicologia já está implicada sobre o assunto há muito tempo e por isso é interessante trazer a Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) n° 01/1999 que explicita o

⁶ <https://enfoco.com.br/noticias/politica/uso-de-banheiro-feminino-por-trans-vira-bate-boca-em-niteroi-98880?d=1> (visitado em 14/03/24 às 09:00)

⁷ <https://www.boatos.org/politica/dimas-gadelha-banheiro-unissex-escolas-sao-goncalo.html> (visitado em 14/03/24 às 09:03)

⁸ <https://www.osaogoncalo.com.br/geral/120272/travestis-sao-impedidas-de-usar-banheiro-do-sao-goncalo-shopping-video> (visitado em 14/03/24 às 09:05)

entendimento que para a psicologia a sexualidade faz parte da identidade de cada sujeito e, por isso, práticas homossexuais não constituem doença, distúrbio ou perversão. Pedro Paulo Bicalho, atual presidente eleito do CFP em 2022, conta sobre a história da construção desta resolução. Em um artigo de 2019 aponta que esta foi elaborada após denúncias feitas pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) de práticas psicológicas com a promessa declarada de converter o desejo sexual da homossexualidade para a heterossexualidade. Junto às denúncias e uma pesquisa feita pelo antropólogo Natividade, concluiu que as ações que tentam reorientar o desejo homossexual se configuram como práticas de tortura no Relatório de Inspeção Nacional em Comunidades Terapêuticas, realizado pelo CFP, em parceria com o MPF (Ministério Público Federal) e o Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura – MNPCT.

A despatologização é a reparação de um grave erro histórico, que produziu estigmatização, sofrimento e violência. A Resolução nº 1(1999) corrobora, de fato, com tal sentido político. Esta Resolução, já nacional e internacionalmente reconhecida, pode vir a sofrer alguma restrição por instituições exteriores ao Sistema Conselhos, como houve anteriormente. Entretanto, a experiência da Psicologia em nome da despatologização das orientações sexuais está marcada nas e nos profissionais, na produção de conhecimento e na sociedade. Além disso, o Código de Ética Profissional defende os direitos humanos de forma geral e, especificamente, veta que profissionais induzam convicções de orientação sexual, no que podemos entender as práticas de tentativa de reversão da homossexualidade. Isso porque a Psicologia brasileira tem histórias e memórias de décadas de lutas. (CASSAL e col., 2019)

No Art. II da Resolução 01/99 do CFP consta que os psicólogos deverão contribuir com seu conhecimento para uma reflexão sobre preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas. O Conselho Regional de Psicologia, desde 1999, já nos deu a direção do que Preciado traz em sua crítica. Nós, psicólogos, não deveríamos nos importar com o gênero. Me refiro à palavra *importar* como o que não deveria ser o início do pensamento sobre alguma pessoa. Precisariamos nos importar em não discriminar nem estigmatizar, mas não ao ponto de paralisar

e não saber o que fazer a seguir quando alguém nos traz as suas dissidências com o gênero e a sexualidade.

Dia 20 de setembro de 2017, o juiz federal Waldemar Claudio de Carvalho concedeu uma liminar que, na prática, tornava legalmente possível que psicólogos ofereçam pseudo terapias de reversão sexual, popularmente chamadas de cura gay, como dizia na reportagem do EL País de 2017⁹. Essa liminar vinha para tentar reverter a Resolução 01/99. Aconteceram inúmeras movimentações exigindo a revogação da liminar. Nós, enquanto GSEX, estávamos muito presentes nesta luta. Convidadas a diversas falas, protestos, palestras, rodas de conversa.

Nesse mesmo ano fomos chamadas, junto a outros psicólogos, para estarmos na abertura da Parada LGBTI de Niterói, como ala de abertura, trazendo o slogan “Psicólogos pela despatologização das identidades trans”. A alegria de sair à frente da Parada de Niterói foi tão imensa, olhar para os lados e ver parceiros e parceiras já conhecidos nessa luta. Descobrir novas pessoas para pensar essa psicologia que não quer limitar a vida de ninguém. Essa psicologia que busca estar junto, inclusive construindo uma ala da Parada LGBTQIAPN+ da cidade. Não existe essa neutralidade, sempre foi importante nos posicionarmos sobre essa e outras temáticas. A psicologia precisa estar junto a cidade.

O ano era 1966. Dizem que estamos em uma cidade sorriso. Será mesmo? Com esse pensamento, Luiz sai de casa para uma reunião no bairro de Icaraí com uns amigos e alguns desconhecidos para ouvir as regras da competição que vai participar. O encontro vai ser na casa da Geórgia, que era parte da peça babadeira que seria apresentada no dia. A casa fica no meio de um bairro nobre, bem no miolo do bairro, mas que passa despercebida por ser pequena e em uma rua mais escura. Logo que entra já encontra alguns conhecidos, já que chegou um pouco atrasado.

⁹ https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454_712122.html (vista em 21/03/24 às 11:04)

Senta no chão, pega uma bebida que estavam oferecendo e começa a ouvir as categorias que vão ser disputadas. A sala estava abafada de calor e no meio de toda a ansiedade todos tentavam não gritar e nem se exaltar muito para não chamar atenção da vizinhança. Decide ali que iria concorrer a categoria que indicava o figurino da marinha e faria uma performance para falar sobre esse inferno de expectativa que sua família vivia colocando em cima dele para ser dessa profissão. Olhou em volta para os amigos e outros que viriam ser amigos também, e todos estavam rindo com a expectativa dessa competição. Não ligavam para prêmios, só queriam estar felizes com seus figurinos admirando umas às outras. O dia do 1º Congresso Nacional do Terceiro Sexo estava chegando.

O ano era 1969. Uma jovem junto à sua namorada saem atrasadas de casa já que ficaram tempo demais se arrumando. Vão apressadas pelas ruas para chegar na festa que estavam esperando no bar tão querido. Lá encontram diversos amigos, colegas e conhecidos de vista. Todos sempre estavam nesse bar. O refúgio delas e tantos outros. Sabiam que ao redor daquele lugar a população não estava tão animada, moradores da região sempre estavam fazendo reclamações das festas. Mas, quem frequentava, estava ciente de que não era bem a festa que os incomodavam, eram as pessoas que ali estavam. Já tinham sofrido algumas batidas policiais por ali e sabiam que outros bares do mesmo estilo também sofriam. Mas hoje estava lindo, tanta gente comemorando, se divertindo. A bebida estava ótima e o show daquela drag estava lindo. Pensavam o quão importante era comemorar mais um dia ali de novo, no bar Stonewall Inn.

No dia 28 de junho de 1969 o bar Stonewall Inn recebeu mais uma batida policial, mas dessa vez os clientes daquele bar reagiram. Assim se iniciou o que chamamos de Revolta de Stonewall que durou dias, consagrando junho como o mês mundialmente conhecido pela luta aos direitos LGBTQIA+. Durante esse mesmo ano aqui no Brasil se iniciavam os *anos de terror* da Ditadura Militar. O período mais cruel dessa época. No início dos anos 1970 a polícia civil

passou a fazer rondas para reprimir a criminalidade nas grandes cidades, por meio de blitz. Assim, apreendiam LGBTs nas ruas sob a justificativa de averiguação.

No site de Memória e Histórias das Homossexualidades¹⁰ tem um arquivo extenso e com muito conteúdo da história do Brasil. Escrita pelo pesquisador de resgate da memória das identidades LGBTQIA+, Luiz Morando, o artigo “1966, Niteroi, RJ, Vestígios da Organização política das travestis e transexuais” conta que em setembro de 1966 houve em Niterói uma tentativa de realização do I Congresso Nacional do Terceiro Sexo, mas a polícia impediu a realização. Uma foto de um Jornal da época vem a seguinte descrição: “Um grupo de transviados de Niterói ameaça promover na capital fluminense, o encontro de “delicadas” representantes de todos os Estados que chegariam ao requinte de, a maneira do Maracanãzinho, desfilarem com trajes típicos de cada região. O tal “congresso” reuniria a fina flôr dos invertidos sexuais...” (Jornal Luta Democrática, 11 e 12/9/1966)¹¹

O jornal citado se descreve na época como “Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar (RJ)” e existiu de 1954 a 1987. A memória da cidade junto a história nacional do movimento faz perceber o quão significativo é saber mais do território, entender como cada grupo foi movido em suas revoluções. As narrativas se conectam e moldam juntas os corpos que (ainda) precisam lutar para existir. Observar a história da lente do nosso país faz entender a história mundial. No livro “Bajubá Odara: Resumo histórico do nascimento do movimento de travestis do Brasil” (2021) da autora negra baiana travesti Jovanna Baby, ela traz

Das ruas para todo o Brasil, o movimento social de travestis e transexuais, o nosso Bajubá, nasce nas ruas, nasce na prostituição, mas, o que foi feito no passado permite que hoje nós travestis possamos ocupar mais e mais lugares. (...) Então sigamos sonhando, valorizando o passado e mirando o futuro, fomos, somos e seremos: resistência! (BABY, J., p.17, 2021)

¹⁰ <https://memoriamhb.blogspot.com/> (visitado em 14/03/24 às 09:59)

¹¹ <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030678&pagfis=34050> (visitado em 14/03/24 às 10:30)

Bruna Benevides, travesti, sargenta da marinha e secretária de articulação política da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), é uma figura muito presente na história da GSEX por ser muito atuante no movimento social em Niterói, e já há um tempo também nacionalmente. Inclusive foi a convidada da nossa primeira roda de conversa no começo da história da grupa para discutir o filme *Transamérica* de 2005.

Em 2020 no site *médium* ela conta sobre os marcos históricos do Movimento LGBTI+ Brasileiro, afirma que em 1962 inaugurou a Turma OK, sendo o primeiro grupo LGBT de que se tem registro na história do Brasil. É um clube social, carioca e gay que funciona até hoje. Nos anos 60 as Divinas Divas faziam história com seus shows em diversos teatros de revistas e musicais. Em 1972 surge o grupo Dzi Croquetes, a androginia do grupo chocou as autoridades do regime militar e o espetáculo foi censurado.

A história do movimento LGBTQIA+ é marcada junto às suas festas e ocupações das ruas com cores e alegria. O termo festa aqui é para se pensar as ruas, as cidades, como esses corpos ocupam tantos espaços ao mesmo tempo que são execrados. Mombaça (2021), escritora e artista visual nordestina que traz a temática da monstruosidade e humanidade, estudos kuir (queer) em seu livro, intitulado como ‘NÃO VÃO NOS MATAR AGORA’ (2021), diz que “não podemos construir o que não podemos imaginar”, de modo que tudo o que está construído precisou, antes, ser imaginado. As festas têm esse poder de fazer uso da imaginação para viver nas cidades.

Viajando ao ano de 2018, iríamos completar dois anos de existência. Sendo este um marco na nossa história então pensamos em fazer uma festa de celebração. Nos juntamos para pensar como iríamos fazer, o que vamos precisar e quem vai se responsabilizar por cada setor para que o evento aconteça. Primeira pergunta que surge: em que lugar faremos? Como resposta pensamos que poderia ser na praça principal para nossa memória, a Praça da Cantareira. Qual será o nome da festa? Lembro que pensamos que na época eram famosos uns

eventos que aconteciam em locais públicos com cada um levando suas bebidas para que gastassem menos, e que ficou intitulado de “isoporzinho”.

Utilizamos esse nome junto a uma expressão muito utilizada: “poc”. POC é um termo que no início dos anos 2000 se utilizava de forma pejorativa para designar os gays “pão com ovo”. Também era um termo pejorativo que antigamente se chamavam as gays afeminadas se referindo a onomatopeia do salto batendo no chão “poc poc”. Transformamos essas expressões em um nome para nossa festa: ISOPOC.

Convidamos muitas pessoas importantes para gente, para a cidade, para a história. Conseguimos muitas parcerias, artistas para se apresentarem, DJs aceitando tocar gratuitamente. A ansiedade batia. Amanhecemos esse dia com a notícia de que a previsão do tempo era de chuva, ou seja, teríamos que repensar tudo. Não tínhamos dinheiro pra lona, não tínhamos dinheiro pra nada. Tentamos alguns telefonemas sem sucesso. No telefone com o dono de um espaço de festas próximo a praça, conseguimos um acordo dele ficar com todo o lucro do bar e assim faríamos a festa sem pagar o aluguel do espaço. Até hoje não sabemos como conseguimos isso tão rápido. Parecia que estava tudo se alinhando para que acontecesse bem esse evento.

A ansiedade volta. Chega o momento, vamos arrumar tudo, confirmar as parcerias, revisar toda a programação da noite. A festa começa, as pessoas vão chegando. Tínhamos feito um combinado e nesse dia, nós, as organizadoras, tentávamos não beber demais para que nada desse errado. Ou se desse errado, que a gente conseguisse ajustar. Conseguimos. Celebramos a nossa trajetória até aquele momento. Pudemos perceber nossas parcerias. Visualizar o quanto de gente confiava e apostava no que estávamos fazendo. Lembro que nossas conversas em encontros após a festa falávamos da relevância que é perceber que diversos movimentos

sociais, militantes e lideranças estavam nos assegurando que era essa psicologia que acreditavam.

A psicologia suja não é uma alternativa. Não é uma clínica diferente. Ela é uma arte da guerra. Geopolítica aplicada. É uma forma de reescrever as leis do poder e por isso mesmo não se trata de uma alternativa, mas de uma bagunça. (...) A psicologia suja é uma estratégia de difamação global. Militarizar as palavras. Naufragar as violações. Bombardear as neutralidades. (FAVERO, S., p.19, 2022)

Entendo hoje Sofia como uma grande parceira dessa psicologia que estávamos construindo. Lendo seu livro *Psicologia suja* (2022) pude dialogar muito com o que tenho trazido da GSEX nessa dissertação. O termo *Psicologia Suja* me fez entender que a festa que organizamos e que nos divertimos, dialoga com este termo. Mesmo nesta diversão não deixamos de ser as psicólogas que atuam naquelas cidades. As psicólogas que acolhiam a população que sofria a violência eram as mesmas psicólogas que estavam na festa se divertindo e dançando. As psicólogas que planejavam essas cidades junto a essas pessoas.

Encontro e movimentos

A cidade invisível dos caminhos inusitados, das bifurcações, encruzilhadas, que descongela o pensamento sugerindo-o a escapar de verdades criadas pelo medo e pela força, e ofuscada pela estética bélica da segurança pública. Pode a criação gerada dos territórios urbanos salvar as coisas da sua crescente miséria?" (BAPTISTA, L. A., p.174, 2008)

Dia 07 de outubro de 2018, Jair Bolsonaro acumula no 1o turno das eleições presidenciais 49.276.990 de votos, significando 46,03%. Lembro que alguns dias antes disso realmente acontecer já vinham chegando muitos relatos de violências de diversas formas contra pessoas LGBTQIA+. Saio do meu trabalho na época com um grupo de pessoas LGBTQIA+ e enquanto estamos na calçada fechando o portão passam 2 carros gritando "VOCÊS VÃO MORRER! BOLSOMITO!".

Lembro dos relatos que vínhamos recebendo e contabilizo que esse é só mais um dos muitos com a diferença que este fora vivido por mim e pelos meus colegas. Sofrimento elevado, aparecendo de todas formas, surge junto muitos profissionais da psicologia se oferecendo para atendimentos voluntários. Esses profissionais se solidarizando com essas pessoas que sofrem tanto, só sofrem, coitados. Enquanto GSEX isso nos deu vários alertas e queríamos falar desses alertas com as pessoas ao nosso redor. Precisávamos falar dessa psicologia que estava se aproximando.

Surge então a ideia de uma Reunião Unificada dos Movimentos Sociais LGBTI da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Convocamos todos que conhecíamos e que nos conheciam até o dia 08 de novembro de 2018 na UFF. No convite dizemos “contamos com todes para pensarmos nos nossos passos, acolhimentos e organização coletiva”. Chegou o dia, a sala estava lotando, estávamos com as cadeiras formando um círculo mas foi juntando mais gente, o círculo perdendo a forma, cadeiras se amontoando de outros jeitos. Compareceram 17 coletivos e instituições das cidades de Niterói e São Gonçalo e junto a estudantes da universidade que estavam ali no que deveria ser o horário de uma aula. Tínhamos como pauta falar sobre esses voluntários que estavam surgindo e sobre o momento de pensarmos estratégias juntos de cuidado.

Vale dizer que nas cidades em que atuamos acontecem diversas disputas pessoais e políticas entre os movimentos sociais, o que conseguimos constatar que dificulta a circulação da população entre os órgãos de direitos. Em razão disso, a nossa pauta sobre as possibilidades de cuidado juntos. Essa reunião é um marco importante na história da GSEX exatamente por termos colocado dentro de uma universidade federal diversos movimentos sociais que nunca estão juntos e que muitas vezes não estão no espaço da Academia.

Recorro a mais um diário de campo de uma das integrantes da GSEX após essa reunião em que diz: O que foi essa reunião? Que resposta! Pensar no caminho até aqui... Ver todo

mundo interagindo, olhar para as pessoas e entender que aquilo real não acontece, entender que o que a gente faz NÃO É ÓBVIO! Obrigada GSEX pela vida!

Cuidar em coletivo na cidade não é uma tarefa simples, mas era isso que entendíamos que estávamos construindo naqueles anos e que uma das concretudes disso fora essa Reunião e a nossa festa com todos os movimentos sociais comparecendo. Em uma das falas de uma das representantes foi pedido que essa reunião se transformasse num Fórum da Região Metropolitana, convocando assim as outras cidades em volta. A princípio a ideia foi corroborada por outros. Houve então um outro pedido, que ficássemos à frente desse Fórum, nós, GSEX. Recusamos.

Sempre nos descrevemos como uma grupa que não é criadora de demandas, e nem mesmo afirmamos o especialismo, somos psicólogas que respondemos ao que nos chega e questionamos o lugar de saber. Para nós, isso sempre foi de extrema importância, inclusive tendo em vista as inúmeras movimentações que se dizem libertárias dentro desta temática, onde profissionais mais uma vez observam e aguçam suas curiosidades com essas pessoas. Nesses caminhos, que foram de encontro com essas cidades, analisamos as demandas propostas pela população LGBTQIA+ que circulam por elas.

Esse Encontro nos faz refletir junto a Luis Antonio Baptista (2008), “Podem as cidades salvar as coisas de sua crescente miséria? A cidade como território de criação combate o quê? Qual criação? Qual combate?” (p.176). O combate nesse caso não só a violência que essa população sofre, aqui nos era importante combater ao especialismo e a curiosidade da psicologia. Poder observar e participar da criação da cidade e do cuidado que o próprio território pode oferecer.

Entre esquinas e luzes

Se alguém quisesse fazer uma leitura de nossa pátria, dessa pátria pela qual juramos morrer em cada hino cantado nos pátios da escola, essa pátria que levou vidas de jovens em suas guerras, essa pátria que enterrou gente em campos de concentração, se alguém quisesse fazer um registro exato dessa

merda, deveria, então, ver o corpo da Tia Encarna. Somos isso como país também, o dano sem trégua contra o corpo das travestis. A marca deixada em determinados corpos, de maneira injusta, casual e evitável, essa marca de ódio. (VILLADA, C. S., p.26, 2022)

Uma rua em frente ao Terminal Rodoviário de Niterói, no centro da cidade. Tem loja de sapato, roupa, botecos, miçangas e barracas de ervas e frutas. De manhã a rua estava cheia, pouca sombra e muitos carros passando. Tem uma Igreja Universal bem grande com uma senhora entregando versículos bíblicos para quem passa. São lojas com objetos pendurados para fora dela, carros passando, calçada estreita, objetos fora das lojas, algumas luzes por causa de uma loja de iluminação que tem por ali ou talvez seja uma loja de artigos aleatórios.

Depois que se passa o primeiro quarteirão dela, você chega na praça São João, palco de muitas histórias. Inclusive é uma praça que tem palco, anfiteatro, árvores, mais uma vez a população de rua e grades. De manhã você vê a população dos prédios em volta passeando com seus cachorros ou cruzando a praça para chegar mais rápido a outra rua, junto a população em situação de rua que é muito presente nela. A feira em volta da praça vende de tudo um pouco. Ao redor dela funciona uma feirinha pequena, talvez umas 20 barracas, que vendem artigos variados. Quer comprar um carregador de celular barato? Tem por lá. Mas também quer comprar alguma erva medicinal? Tudo tem por ali. Nas redondezas funcionam muitos órgãos e secretarias do maquinário público municipal.

O bar onde acontecem os encontros com as meninas está aberto de dia mas sempre que passei por ali estava vazio, talvez alguns homens bebendo suas doses do dia ao mesmo tempo que é oferecido alguns PFs (pratos feitos). O bar é grande, tem paredes brancas. Quando você pára em frente a ele tem que prestar atenção para ver onde termina, ele é longo. O balcão está logo na frente. Logo que se entra tem diversas comidas sendo oferecidas, salgados, ovos cozidos, linguiças, batatas, pastéis. Bebidas variadas na parede, cachaças das mais diversas. Um comunicado na parede do bar: **SÓ ACEITAMOS DINHEIRO**. Isso inclusive sempre foi

um problema para mim, já faz algum tempo que ando com cartões e quase nunca com alguma nota de dinheiro.

De dia o bar não traz muito destaque, ao redor dele tem lojas coloridas, com cartazes. As pessoas circulam por essa rua durante o dia e é tanta gente ao mesmo tempo que tem sempre que tomar cuidado para não esbarrar em ninguém. Ao cair da noite essa rua começa a ficar menos movimentada, a cada hora que se passa menos movimento se vê. E o bar que passava despercebido, agora toma mais destaque porque ele é uma das únicas luzes acesas naquela rua, naquele quarteirão. Tem um outro bar quase em frente que fica mais cheio, mas nunca fui. Existia uma travesti mais velha, presidenta de um movimento social da cidade voltado às travestis que se prostituem nas ruas, que sempre me convidou para esse bar que não sei nem o nome.

Outra luz da rua, vermelha, quase na esquina. Nesse quarteirão a esquina sempre tem uma barraca de churrasquinho com fumaças que chamam a minha atenção, um cheiro delicioso para quem adora comer na rua. Na outra esquina fica uma banca de jornal e logo depois dessa banca fica o primeiro ponto da prostituição de rua. Elas sempre ficaram ali depois da banca de jornal, encostadas na parede ou na banca.

Lembro que uma vez conversamos ali quando fui levar uma caixa de camisinha, uma delas me perguntou sobre os atendimentos para a hormonioterapia mas não pude explicar muito porque sentia os olhares de algumas outras de que eu estava atrapalhando o ponto de trabalho. Até que realmente parou um carro chamando uma delas e aí a que estava conversando comigo cortou o assunto e eu entendi que tinha que ir embora.

Naquele bar enorme com paredes brancas, é o local que aprendi a beber cerveja com um copo descartável dentro de um copo de vidro para "não esquentar". Em uma noite qualquer, fiquei alegre mais uma vez. Esse bar é o local que, quando trabalhava no Centro de Referência LGBTI de Niterói, criamos o que chamamos de Projeto Travando a Pista. Eu e a assistente

social que trabalhava comigo íamos nesse bar encontrar as travestis quinzenalmente às quintas-feiras por volta das 20 horas. Sentávamos na mesa, pedíamos cerveja, tirávamos papéis de dentro da bolsa e pegávamos as informações de cadastro delas.

Nesse mesmo bar sentamos um dia e perguntamos quais eram as demandas que elas tinham com a saúde, assistência e educação. Nós tínhamos a esperança de montar um projeto voltado para a área educacional, queríamos montar monitorias de matérias variadas para conseguir ajudar no estudo do CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos) e que elas conseguissem finalizar o ensino fundamental e médio e depois ir para o Prepara Nem, preparatório pré-vestibular para pessoas LGBTQIA+.

Claro que essa ideia tivemos sozinhas, conversando só entre a gente, todas felizes do que podíamos oferecer para elas que precisavam tanto. Mas nesse bar, nesse local de trabalho e de encontros, quando questionamos suas demandas, ninguém falou sobre educação. Tentamos puxar o assunto porque queríamos tanto fazer nosso projeto do formato que pensamos, mas elas foram categóricas em dizer que precisavam ajustar os sintomas que aqueles silicones colocados em bombadeiras¹² deixavam, que as unidades de saúde precisavam funcionar em horários diferentes para quem trabalha noturno. Ajeitamos nossos papéis, nos olhamos e escrevemos nosso projeto totalmente diferente. Esse bar sempre trouxe isso, histórias variadas e encontros que atravessam de verdade tudo o que achávamos que sabíamos, inclusive como não esquentar a cerveja.

Em uma noite, rodeada de muitas pessoas, parceiras de trabalho e vida, me vi sorridente, alegre. No alto do pensamento, depois de muitos copos gelados de cerveja, olhei uma luz colorida piscante em uma porta praticamente ao lado do bar e pensei que poderia ser um puteiro. Nunca tinha ido a um. Talvez a minha imaginação estivesse funcionando junto aos filmes que assisti em que mulheres não podem entrar nesses locais para não tirar a atenção das

¹² Bombadeiras são as travestis que transformam o corpo de suas clientes com aplicações clandestinas de silicone.

outras trabalhadoras. Minha amiga falou que resolveria isso, depois de uns 2 minutos em que ela subiu e desceu uma escada iluminada de forma colorida, conta que no balcão falaram que mulher tem que pagar 20 reais pra entrar. Não estava acreditando nisso, talvez os meus filmes estivessem com a razão. Penso que estou com uma mulher que sempre está por ali, por que não pedir ajuda a ela?

"Meu sonho de princesa é ir num puteiro", falei.

"Sério? Vamos lá agora. Quer levar quem?"

Isso estava realmente acontecendo! Aponto duas amigas que trabalhavam comigo e ela leva a gente. Subimos juntas a escada com iluminação vermelha. Confiante, chegamos na recepção onde duas mulheres estavam atrás de um vidro e ela fala com a gerente "*é tudo sapatão*" - aponta pra gente - "Elas vão consumir, deixa entrar."

Acredito que seja a gerente que se aproxima e fala que 'tudo bem'. A recepcionista pergunta:

"Coloco a comanda no nome de quem?"

Ela pede para colocar no nome dela. Entramos.

Ao entrar no local, olho para todos os lados e constato que é uma sala pequena com muitas luzes coloridas e uma barra de poledance. Ao fundo dessa sala, logo em frente a porta que entramos, tem uma mesa de frios e na lateral um bar com um bartender. No canto a esquerda um homem cis sentado num banco e uma mulher cis sentada em seu colo. Ela nos leva até a mesa e fala que podemos nos servir, diz que é gratuito. Achei incrível.

Passamos no bar, compramos um copão de vodka com energético. Olho para o lado além do bar que não tinha reparado antes e é um corredor com umas 6 portas, 3 de cada lado. Entendemos rápido que ali eram os quartos. Não vejo sinalização de banheiro. Uma das trabalhadoras do local vem até nós e cumprimenta nossa guia. A guia pega minha mão e coloca

por cima da buceta da trabalhadora, tomo um susto e tiro rápido minha mão. As duas riem. Entendo ali o que ela achava que iríamos consumir.

Após alguns minutos que estávamos ali nos divertindo nas luzes, com a música e nosso copão de bebida. A guia fala que podemos chamar nossos amigos todos que estavam no bar, a gerente tinha liberado a entrada naquele dia. Vou lá embaixo avisar e todos ficam muito animados e sobem rápido. Éramos umas doze pessoas, entre jovens, adultos mais velhos, homens, mulheres, cis, trans, não binário. Foi uma noite muito divertida e pareceu que estar naquele local deu uma permissividade a todos.

Reparo no meio da diversão que pessoas que nunca imaginei ficando, estavam aos beijos. Os beijos eram compartilhados entre dois, três e quatro pessoas. Eu estava como uma observadora de tudo. Será que ser psicóloga com a rua era isso? O colorido das luzes junto aos risos e corpos dançantes era ótimo de se ver. Quando decido ir embora, antes de todos, lembro que entro no carro de aplicativo e mando uma mensagem de voz no grupo de whatsapp da GSEX. A supervisora responde que levaríamos para uma supervisão o que aconteceu para entendermos até onde vai essa psicologia.

Tivemos uma supervisão e além de todas nós nos divertimos com as histórias e fofocas dessa noite, conversamos sobre o ocorrido do ponto de vista da pesquisa e do trabalho. Uma regra entra em questão: não vai ser mais possível se embriagar com uma pessoa que é nosso ponto focal do território. Essa regra não vem como uma punição, longe disso. Entendemos o quanto foi importante essa ida e a nossa guia ter se sentido a vontade de me levar junto a outras pessoas. Mas a psicóloga da GSEX naquele momento não pôde existir, ela estava bêbada.

No livro *Pistas do método da cartografia* (2020), no capítulo referente a Pista 2 escrito por Virgínia Kastrup ela fala que “não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*” (p.32). Esse capítulo discorre sobre a atenção

durante o trabalho de campo e traz os conceitos de atenção flutuante de S. Freud e o conceito de reconhecimento atento de H. Bergson. Na página 39, ela escreve

É importante sublinhar que, quando sob suspensão, a atenção que se volta para o interior acessa dados subjetivos, como interesses prévios e saberes acumulados, ela deve descartá-los e entrar em sintonia com o problema que move a pesquisa. (KASTRUP, V., p.39, 2020)

Como é possível então essa atenção quando a cabeça está embriagada? Com isso, a partir desse momento estabelecemos essa regra e a psicóloga pôde voltar a se divertir nos lugares mas entendendo um dos limites do corpo da profissional.

Voltando a personagem que referencio como ‘guia’, ela é importantíssima em toda a história da GSEX e foi uma das perdas da covid-19¹³. Ela foi umas das ativistas que mais nos levou até as ruas da nossa cidade, que nos acolheu. Muitas imagens me vêm à mente quando lembro dela e recorro ao meu diário de campo para relembrar o dia em que ela nos convidou para sua casa, para uma festa.

Sua casa era localizada na favela Nova Grécia, em São Gonçalo. Já tínhamos ido ao 1o Encontro de Travestis e Transexuais na Favela em julho de 2018, organizado por ela mesma e por outra travesti que hoje é vereadora em Niterói. Nesse Encontro fomos muito bem recebidas com cerveja gelada, música alta e performances. Mas este outro dia que quero trazer era festa de dia das crianças na rua em frente à sua casa para toda a comunidade, uma festa aberta na rua para crianças e travestis.

Em tempos difíceis, se faz necessário encontrar potência. Encontrar mesmo, como se fosse um mapa do tesouro, e a gente tem que encontrar forças para não desistir de seguir cada pista que leva a cada lugar magicamente escolhido para enfim encontrá-la.

¹³ O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. Doença que causou uma pandemia entre os anos de 2019 a 2021 com isolamento social, com efeitos ainda hoje no ano de 2022.

Nessa busca encontro grupos, encontros pessoas, antes de encontrar lugares, e acho que essas pessoas me fazem ter força. Elas me mostram que ainda há esperança, que há força num ombro para chorar e que esse ombro não só observa, sente também, partilha da dor e que juntos, dão as mãos para buscar ver aonde vão, como vão fazer.

Sou chamada junto com outras pessoas-luz para estar em lugar de tremenda potência, de segurança, como um castelo que mura os temores e que ajuda a fabricar esperança para quem está ali. Como todo o castelo, existe uma rainha, e como toda história já contada, a rainha tem suas bondades e maldades, maldades estas que dependem do olho de quem vê, de quem entende as circunstâncias ou simplesmente entender o porquê todo mundo que tá no comando de algo que é vertical tem suas prioridades e suas dificuldades para se manter.

Essa rainha poderia ter suas súditas, e não é que não sejam de certa forma, mas ela não se vê assim. Ela se resume como *a mais velha* e por isso, a que cuida e protege. Essa proteção pode envolver encontrar aliados que querem construir mais do que só este castelo, mas vários outros para que assim possam ser cada vez mais e mais. Um regime de monarquia mesmo em contos de fadas, se fazem com conflitos e finais felizes. Naquele dia não queriam pensar no final, queriam construir um presente. Os conflitos então eram importantes para essa construção, as discordâncias como argamassa para um muro mais resistente.

Em tempos difíceis, se faz necessário encontrar potência. Nessa busca encontro grupos, encontro pessoas, antes de encontrar lugares, e acho que essas pessoas me fazem ter força. Elas me mostram que ainda há esperança, que há força num ombro para chorar e que esse ombro não só observa, sente também, partilha da dor e que juntos, dão as mãos para buscar ver aonde vão, como vão fazer.

Essa rainha me chama para uma reunião, para fazer com que eu dialogue com elas, que toda minha sabedoria *psi* diga para elas o que fazer (ou o que não fazer). Eu mesma não sei,

mas nessas horas estar ali é o mais importante, mostrar que estou aqui significa mais do que dar a solução. Elas me ouvem falar e se mostram encantadas de ser alvo de uma fala profissional, se percebem importante com alguém querendo um projeto com elas e mais do que um projeto, alguém que pergunta: “você quer isso? Ou você acha que funcionaria de outro jeito? O que você prefere?”. Que mundo é esse que elas nunca viram alguém perguntar o que elas preferem?

Mas a rainha, *ah a rainha*, essa sabe bem o que quer e o que não quer para o seu povo. Mas mesmo do alto do seu altar, ela senta do meu lado e diz estar muito feliz porque as meninas estão dispostas a ouvir, que elas estão se empoderando, que são anos de trabalho tentando fazer isso, tentando fazer com que elas não retribuíssem o ódio que recebem e que todo esse trabalho pode ficar para trás com tudo o que tá acontecendo. Ela me olha do seu trono com uma expressão de desespero e também de cansaço, e diz que não sabe mais o que fazer, o que falar para elas. Eu olho, concordo mentalmente, talvez com o mesmo desespero, e digo que vamos dar um jeito juntas.

Chegamos ao lugar que fomos convidadas, entramos literalmente num vale encantado, de muitas cores e muitas formas. Ali, dentro dos muros daquele castelo, não existia o medo, ressoava resistência. Risadas davam o som. Mas esse castelo não era fechado, ao contrário, abria sua força também para a comunidade em volta. Os sons que saiam dali ensinavam aos de fora que a resistência vai continuar, independente dos tempos que vierem. Não é que elas não acreditavam no grande vilão, é só que pela maldade que vivem e veem, se acostumaram a esperar força delas mesmas e não esperar isso de ninguém que vem de fora. Fortalecem-se entre si.

Essa festa foi dia 12 de outubro de 2018, importante enfatizar a data e lembrar que neste momento tinha acabado de acontecer o 1º turno das eleições presidenciais de 2018.

Na tese de doutorado “A cidade como texto: fragmentos da experiência homossexual masculina no Rio de Janeiro contemporâneo” (2006) do professor doutor da UFF Marcelo Santana, é utilizado o termo *flanêur*, trazido por Walter Benjamin, ao apresentar o trabalho de Baudelaire, e que ali queria significar andar pela cidade, passear. Esse caminhar como metodologia, como dito na página 62 da tese, percebe-se que a condição do *flanêur* pode ser assumida pelo próprio pesquisador, desde que considere seriamente a advertência de que se estará limitado pela própria época que se buscar compreender, teoricamente.

Há, também de acordo com Calvino (Italo), cidades ocultas. Esbarra-se com cidades ocultas, ao entrar-se num banheiro durante uma tarde comum e deparar-se com situações que evocam o desejo entre homens. Esbarra-se com cidades desconhecidas, ao penetrar-se em boates escuras que lembram cinemas em que uma realidade outra compõe-se e determina a natureza da percepção. Flanar por essas cidades ocultas garante uma aproximação sensível às transições pelas quais as relações entre homens têm passado. (SANTANA, M. F., p.67, 2006)

A rua São João a noite é uma dessas cidades ocultas. Segundo o CENSO 2022, Niterói é uma cidade de 481.749 pessoas, na qual 275.336 são pessoas brancas e 204.610 são pardas e negras. O PIB per capita era de R\$128.333,01, o que deixa o município na posição 2 de 92 entre os municípios do estado do Rio de Janeiro e na 22 e 20 de 5570 entre todos os municípios do Brasil. Uma população em sua maioria mulheres e com faixa etária entre 35 e 44 anos. Uma cidade em que o apelido famoso que se refere a ela é “Cidade Sorriso” em que diz que os habitantes dela estão sempre alegres por morarem por aqui. Mas será que toda essa cidade é assim ou existem cidades dentro de um só município?

Segundo o site WikiFavelas¹⁴, em termos de rendimentos, uma pessoa branca, em 2010, apresentava renda média de R\$2.552,83, enquanto as negras recebiam bem menos, R\$1.028,40. Para o mesmo ano, 43,29% dos brancos tinham completado o ensino superior, enquanto apenas 15,13% dos negros residentes na cidade tinham alcançado esse mesmo nível de escolaridade.

¹⁴ https://wikifavelas.com.br/index.php/Favelas_de_Niter%C3%B3i (acesso em 04/04/24 às 12:25)

Os negros também são predominantes em relação aos brancos dentre aqueles considerados “pobres” e “muito pobres” do município; são também o segmento mais representativo, segundo o IBGE (2010), dentre as quase 80 mil pessoas vivendo nas 77 favelas de Niterói.

Niterói é uma das cidades em que atuamos e pensando junto a tese de Marcelo Santana, conhecer uma cidade, nesse sentido, não pode estar resumido a uma observação de sua materialidade mais imediata. Ele traz o conceito de cidade oculta baseado no livro *Cidade Invisível* do autor Ítalo Calvino (1998), uma história de ficção onde um famoso viajante, Marco Polo, descreve para o grande imperador mongol Kublai Khan, diversas cidades fictícias em que ele passou pelo mundo. Nesta história ele traz metáforas e reflexões.

Numa das cidades conhecidas por Polo, o narrador define que uma localidade não pode ser conhecida apenas pelo seu caráter mais imediato, mas também é principalmente, pela dilatação que ela sofre através das recordações dos seus moradores e pelas marcas impressas pelo tempo no corpo da cidade. Arranhões, antenas e corrimãos contam a história da cidade. (SANTANA, M. F., p.67, 2006)

Na história de Niterói consta que ela foi capital do estado até 1975 com a Lei Complementar nº 20 de 1974 em que aconteceu a unificação dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, fundando o novo Estado do Rio de Janeiro e retirando o título de capital de Niterói. Fato que resultou inevitavelmente em perdas econômicas para a cidade, que mudaram com a conclusão da Ponte Rio-Niterói. Desde esse momento o município irmão do Rio segue sendo um local de passagem para trabalho de moradores do próprio local como das cidades vizinhas. Outro fato de extrema importância é que a Universidade Federal Fluminense inaugurada em 1960 traz uma movimentação para a cidade com toda força para os setores de serviços para atender a todos os estudantes e trabalhadores que estão junto a essa instituição que se estende por uma boa parte do território.

Pensando junto a tudo isso, Niterói é um município onde existem muitas cidades tentando existir juntas. A cidade dos estudantes, a cidade da classe média alta, a cidade com as

suas favelas, a cidade que elegeu uma vereadora travesti negra, a cidade que tentou ter o 1º Congresso do Terceiro Sexo do Brasil, a cidade com movimento social LGBTQIAPN+ consolidado e existente a quase 20 anos, a cidade em que travestis continuam utilizando a noite para se movimentar pelas ruas.

A cidade vizinha, onde também atuamos, é São Gonçalo e os dados sobre ela divergem bastante do que foi citado aqui de Niterói. É um município maior em território e em população, no CENSO 2022 foi disponibilizado que são 896.744 habitantes, sendo a 18ª no ranking de habitantes dos municípios do país. Nestes, a sua maioria são pretos e pardos, contando com 564.313 e 331.250 que se consideram brancos. Em 2021 a média de salário mensal era de 2 salários mínimos e o PIB per capita de R\$18.504,81, estando em 88º lugar entre os municípios do estado e 3323º dos municípios do país.

O Mapa da Desigualdade de 2023, que está em sua 4ª edição e é feito pela Casa Fluminense, busca retratar em dados a realidade dos 22 municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O percentual da população adulta que não consegue pagar suas dívidas em São Gonçalo é de 49,6%. O número de tiroteios e chacinas em 2022 foi de 298 contrastando com Niterói que foram 145. Já a diferença de remuneração média salarial entre brancos e negros no emprego formal em 2021 é de -R\$159,00, já no outro município é de -R\$545,00. O número de pessoas negras assassinadas pelo estado em 2022 em intervenções policiais foi de 61,0% em São Gonçalo e de 82,0% em Niterói. Esses dois últimos dados indicam mais uma vez a desigualdade social e as muitas cidades dentro da cidade sorriso.

São Gonçalo é uma cidade extensa em território e com um cenário de muita pobreza, pouco desenvolvimento urbano e pouca representatividade na política. É a cidade em que Jair Bolsonaro comemorou a última eleição da prefeitura em 2020 em que se elegeu Capitão

Nelson¹⁵, como gosta de ser chamado o prefeito atual. A cidade em que segundo o CENSO 2010 já trazia o aumento significativo da população de religião evangélica ou protestante. Também é o município que em 2018 foi inaugurado um Centro de Referência LGBTI e que implementou em lei em 2020 a continuação desta instituição. Este equipamento que inclusive faz parte da história da GSEX, sendo o primeiro local em que iniciamos um grupo de cuidado para a população LGBTQIAPN+ que continua até o momento mas com mudança de local. Esta história será falada mais adiante na dissertação para pensarmos o cuidado em coletivo na cidade.

Este município, mesmo sendo muito próximo da capital do estado, não possui nenhuma forma de acesso sem passar pela “cidade sorriso”. Mesmo sendo um território com uma grande extensão da Baía de Guanabara, não tem o transporte fluvial mais utilizado no estado, a barca, com embarque nele. A ponte Rio-Niterói não se estende até ele, sua descida mais próxima desemboca na Avenida do Contorno, ainda na altura de Niterói. Entendendo que os dados de trabalho e renda do município são baixos, é importante salientar que sua população vive no transporte até essas cidades próximas, onde inclusive são a mão de obra dos serviços.

Enquanto atuamos para construir o Mapeamento Sócio-Cultural-Afetivo das Lésbicas e Mulheres Bissexuais das Favelas de Niterói e São Gonçalo (2023), conseguimos perceber a dificuldade de acesso aos dados das favelas destes municípios. O que agrava o pensamento de como chegar até a essas cidades ocultas. Buscando mais dados para esta dissertação é necessário dizer que entendo ainda hoje em 2024 uma falta de artigos e pesquisas sobre o município de São Gonçalo, fazendo com que não possamos ter a realidade do que acontece nesse território para além do que nós experienciamos e ouvimos no decorrer da GSEX.

¹⁵ <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/11/29/com-apoio-de-bolsonaro-na-reta-final-pm-vence-pt-em-2-maior-cidade-do-rj.htm> (acesso em 04/04/2024 às 13:46)

Duas cidades que trazem em suas contradições a complexidade de pensar suas territorialidades e o cuidado de uma população que é violentada e que apresentam dificuldade em conseguir ocupar seus próprios territórios. Como é possível pensar o cuidado em psicologia sem se apropriar e entender esses dados? Mas também como ir além deles, além desse sofrimento, e conseguir ver as cidades que (r)existem.

CAPÍTULO DOIS - CIDADE COMO CUIDADO

Travando a Pista

Não queimem as bruxas
 Mas que amém as bixas
 Mas que amém
 Que amém
 Clamem
 Que amém
 Que amém as travas também

Amém

(Oração - Lina Pereira part. Jup do Bairro, Alice Guél, Danna Lisboa, Liniker Barros, Ventura Profana, Urias e Verónica Decide Morrer)

Chego de manhã com a mensagem da Coordenadoria de Direitos Humanos: “temos um problema, não tem funcionário para montar a tenda”. Daí em diante se inicia um milhão de contratempos e de soluções pensadas às pressas. Não conseguiu o carpete para fazer uma passarela de desfile? VAMOS NO CHÃO MESMO! Essa foi a fala da Larissa, a travesti mais velha. Mais uma vez mostra que nenhuma travesti ali vai ter problema com o imprevisto que se dá em evento na rua.

Corre o relógio, o evento começa às 16h. Às 15h estou indo buscar a autorização que comprova que temos direito a ocupar uma praça pública. O tempo todo meu pensamento varia em “por que eu tô fazendo isso comigo?” “quem me deixou organizar isso?” e “cara, o trabalho dá fruto mesmo!”. Será que as parcerias todas vão vir? Será que as pessoas entenderam o porquê disso aqui?

Uma fala de um psicólogo com muita história e referência neste município junto a saúde mental me fez refletir bastante. Julio Nicodemos, assim que chegou ao evento, disse “travesti e pessoa em situação de rua nos mesmos eventos, é pra isso que a gente trabalha”. O evento que estávamos promovendo se juntou a outro super importante que também aconteceria no

mesmo dia com a população em situação de rua. O evento levava o nome de “Cultura a céu aberto”, feito pela então articuladora de rede do CAPS AD, Arlete Inácio, antropóloga relevante em toda a construção de trabalho na rua em Niterói e São Gonçalo. Esse projeto era fixo naquela praça de forma semanal, com a ideia de ter cultura para aquela população que acessava a praça central na cidade.

Quando veio a ideia do evento para as travestis, já conhecia o “Cultura” e em uma conversa rápida com Arlete, pensamos juntas por que era tão importante nos juntarmos naquele dia. A cidade em geral é um espaço com muitas pessoas e grupos diferentes circulando, vivendo, existindo, se divertindo, trabalhando. Esta praça é um local que tem uma vida muito diferente de dia e de noite. Na parte do dia mulheres mais velhas se juntam para fazer exercícios físicos, moradores passeiam com seus cachorros, pessoas em situação de rua organizam seus pertences para sair em busca do que querem para aquele dia. Na parte da noite a praça é fechada pela prefeitura, ninguém consegue acessá-la a partir de um certo horário e só é possível se movimentar em volta dela. As travestis ficam em volta no trabalho da prostituição. O “Cultura a céu aberto” traz movimentação e acesso em horário que não seria mais possível. O evento que estava promovendo traz acesso a quem em nenhum outro horário está ali dentro: as travestis.

Lembro que sentamos para elaborar como seria a programação, não pensamos rapidamente que aquela junção daria certo. Existia uma preocupação de como seriam esses dois públicos se divertindo juntos. Esta preocupação também apareceu na conversa com Larissa e combinamos com ela que teríamos tudo devidamente organizado para que desse certo. Sendo assim, pensamos em uma programação adiantada do “Cultura” com o filme, em seguida o lanche e depois uma oficina artística de transição entre os dois eventos. Pensamos que essa seria uma maneira de manter quem gostaria de estar no evento para além do lanche e ao mesmo

tempo afastar o público que acharíamos que seria mais preconceituoso. Não é fácil pensar que não queríamos nenhuma violência transfóbica acontecendo. A população em situação de rua também é parte da população, e como muitos, também reproduzem diversas violências.

Retomando a frase do Nicodemos, a sensação era de que queríamos que, ao menos naquela noite, a praça fosse o que era pra ser: um convite à cidade para se divertir juntos. Um convite para celebrarmos todas as existências. Como colocado por Luiz Antonio Simas (2020), a rua concebida como lugar de encontro anda perdendo de lavada para a rua como lugar de passagem, marcado pela pressa e pela violência urbana (p.74). É preciso,

Reencantar a cidade, subverter o território em terreiro, entender a cidade como lugar de encontro, comer pelas beiradas driblando os perrengues, malandreado entre o horror e o gozo, é seguir vivendo e sobrevivendo para fazer o gol na partida que não termina: num lance rápido e certo do contra-ataque que nos resta para salvar a rua. (SIMAS, L. A., p. 75, 2020)

O evento encheu bem mais do que esperávamos, tanto de equipes, como de viventes na rua e travestis. Elas apareceram em peso. Quase todas me cumprimentaram sabendo quem eu sou e nisso percebo que meu trabalho está sendo feito. Não é no elogio dos profissionais, mas no olhar delas que me cumprimentaram.

Saí sentindo dores de cansaço. Mas aquela praça lotada, ver as travestis desfilando seus trajes do Miss Transex logo após uma sessão de cinema com pessoas em situação de rua compensou. Os parabéns para o Bruno, nome fictício, que tem apenas 15 anos e está na rua. Tudo isso me fez ver que as dores valeram a pena.

Foi rua!

Foi lindo!

Analisando o evento em si, considero fundamental iniciar o segundo capítulo falando da cidade como cuidado em Psicologia. O “Travando a Pista” é um projeto que surgiu enquanto

era psicóloga do Centro de Referência LGBTI Leste Fluminense, dispositivo do Programa Estadual Rio Sem LGBTIfobia. Como já explicado nesta dissertação, a GSEX é uma grupa que sempre esteve presente neste meu fazer psicologia e é assim até os dias atuais. Sendo assim, trago à consideração que este Projeto foi pensado também junto a esta grupa.

“A puta é a ‘mulher do asfalto’, aquela que se apropria da cidade.” (DESPENTIES, Virginie. 2016, p.67) dito isso, o público-alvo deste Projeto era a puta do asfalto, a travesti. Inicialmente, o Projeto seria para que elas conseguissem terminar a educação básica. Assim, pensamos em vinculá-las ao CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos), no qual o sistema é com apostilas e não de idas para aulas. Depois que terminassem as matérias até o ensino médio, seriam encaminhadas ao Prepara Nem (Curso gratuito preparatório para vestibular) que existe no município feito pela ONG GTN (Grupo Transdiversidade Niterói) ao público LGBTI+.

Nos comunicamos com a mais velha e cuidadora delas e combinamos a ida até o local de trabalho, a rua São João. Fomos até a rua, sentamo-nos no bar, bebemos uma cerveja e assim começamos as conversas. Elas começaram a chegar, se apresentaram, conseguiram dizer suas demandas. Nos contaram o que estavam precisando enquanto ao mesmo tempo bebíamos cerveja nos nossos copos. Elas precisavam de saúde básica, cadastramento em benefícios do governo, para depois poderem pensar em suas demandas diferenciadas enquanto travestis, como a hormonização. Desejam curar dores de cabeça possivelmente advindas da inflamação causada pelo silicone industrial alojado em seus corpos. Buscavam entender quais as consequências de usar anticoncepcionais de forma autônoma para acessar hormônios feminino. Precisavam de acompanhamento para as muitas substâncias psicoativas que usavam para dar conta do trabalho. Saímos de lá com um projeto totalmente redesenhado.

Percebe-se que, mesmo com a consideração de uma prática que não seja exclusivamente curativa, ou seja, que também se atenha à prevenção dos diversos processos de adoecimento, a integralidade em saúde muitas vezes não encontra na visão integral de saúde um sinônimo, já que foi - e ainda é, em grande medida - marcada pela visão de soma das partes proveniente do modelo biomédico. Nesse sentido, os efeitos da luta antimanicomial e os encaminhamentos da Lei nº 10.216/2001 demonstram-nos contribuições da Psicologia caras à saúde - e, eis aqui o ponto do argumento: não somente à saúde mental, mas a uma concepção integral de saúde, principalmente no que diz respeito à articulação na rede. (VIEIRA, E. S.; PEREIRA, C. A. S. R.; DUTRA; C. V. CAVALCANTI, C. S.; p. 169, 2019)

Trago o artigo “Psicologia e Políticas de Saúde da População Trans: Encruzilhadas, Disputas e Porosidades” (2019) que fala sobre o cuidado em Psicologia das demandas dos segmentos trans e enfatiza a necessidade do cuidado em rede e, até mesmo, da Psicologia na Atenção Primária em Saúde (APS). Aqui, não falaremos especificamente do cuidado na Atenção Primária, mas de um fato muito importante sobre ela: o cuidado em rede, que acontece na cidade. Isso é consistente com o que começamos a planejar para o Projeto, já que as demandas que apareceram não eram de um segmento só, envolviam muitos dispositivos públicos. Íamos quinzenalmente até a rua São João por volta das 20h às quintas-feiras, dia que elas disseram preferir pela falta de movimentação no trabalho.

Nos encontrávamos todas no mesmo bar escolhido por elas. Fazíamos fichas, coletávamos dados e conversávamos. Nesses diálogos, a demanda em educação só apareceu no relato de uma delas, que já tinha o ensino médio e queria tentar a faculdade mas não sabia qual curso escolher. Falávamos com 15 travestis e na fala de todas elas, o que mais aparecia era a busca de atendimento na APS. Questionamos sobre o acesso. Por que não conseguiam ir às Unidades de Saúde da Família (USF)? Como não acessaram o Ambulatório de Saúde Trans que tinha acabado de inaugurar em nossa cidade? Questionamos sobre o Ambulatório e uma respondeu que ele funcionava só até 12h e esse era o horário que estavam despertando depois

de um dia cansativo de trabalho. Sobre as USF , diziam não serem respeitadas e também que nem todas eram residentes do município. Com essas informações o projeto é, então, reformulado. As demandas que mais pareceram imediatas eram sobre o acesso aos equipamentos de saúde e assistência social. As outras foram a retificação do registro civil e as violências físicas e psicológicas.

Continuamos indo até a rua e conhecendo mais as meninas, por vezes íamos só entregar camisinha, em outras sentávamos e ficávamos mais tempo. Aqui vale dizer que nunca é só isso: entregar camisinha é parte da Política Nacional de Redução de Danos¹⁶ e aliado na construção do vínculo. Depois de cerca de seis meses pensando junto e articulando com elas, entendemos que deveríamos fazer uma ação na cidade e chamarmos os equipamentos de saúde e assistência para conhecer as meninas, e vice-versa. Era importante que a cidade as visse.

Pensando nos conceitos da Análise Institucional nos serviços públicos de saúde do município, pudemos perceber que o Instituído nestes equipamentos se faz muito presente. Os elementos reforçados de como eram feitos os atendimentos, quais horários funcionam, como não chegavam nas ruas, quais relações não conseguiam ser criadas. Pensar o vínculo com os movimentos sociais para elaboração deste evento que tem a ideia de continuação na cidade, já que visava reconstruir esse acesso, trazendo a força do Instituinte.

Nesta altura da história o Projeto ainda não tinha um nome. Somente existia a ideia de cuidado à população travesti que se prostituía na rua da cidade de Niterói. Para falar de como esse título surgiu devemos narrar a chegada de uma figura muito importante na história da GSEX.

¹⁶ BRASIL. Portaria nº 1.028, de 01/07/05.

Peço licença para a autora Camila Sosa Villada e reproduz o nome de uma de suas personagens do livro já citado na presente dissertação, “O Parque das Irmãs Magníficas” para ilustrar essa personagem da história. Ela se chamará Machí, e, assim como a personagem do livro de Villada, é uma figura de muita força. Há alguns anos atrás, recebemos uma mensagem de um diretor de um Coletivo de jovens, em sua maioria trans, que tinham sua militância através do teatro.

As memórias da GSEX vão ocorrendo fragmentadas e vão sendo coladas nesta história e na costura desse caminho, um outro trecho do diário de campo trazido na história “Entre Esquinas e Luzes” nesta dissertação. Sobre as pessoas-luz que citei, acredito que tenho que ser mais enfática sobre elas, já que estão realmente me ajudando a ver de outro ângulo tudo o que eu já tinha estabelecido. Elas me mostram todos os dias a potência de um grupo, a potência do não-saber, a potência de acreditar no que fazem e de acreditar principalmente nos outros. Se no outro grupo que eu falei, existia uma rainha, aqui existe um pai.

Um pai, que como muitos outros, desejou esse filho mesmo não tendo ideia de como seria. Um pai que não abandona os seus, mesmo claramente não sabendo o que fazer. Um pai que coloca os seus na frente de qualquer desejo próprio. Um pai que precisa se cuidar, mas que enquanto não consegue fazer totalmente isso, segue cuidando dos seus. Um pai escolhido. Campai.

Neste grupo vejo luz de verdade, os vejo transformarem arte em vida e vida em arte, sem temer o clichê. Vejo gente se transformando e vejo gente transformando outros. Vejo a desorganização natural dos jovens ao mesmo tempo em que vejo a união de qualquer jovem que se sente acolhido entre os seus. Um grupo que me tem como referência, mas que nem imaginam o quanto são meus guias. Esse grupo é o Coletivo Transparente que existe desde

novembro de 2016 com o objetivo de trazer a militância de gênero, sexualidade e raça através do teatro.

Campai, o diretor deste grupo, em uma mensagem conta que tem tentado a todo custo cuidar de todos esses jovens para que possa oferecer teatro que é seu objetivo principal. Mas o fluxo disso era impedido pelas demandas que iam surgindo de violências, vulnerabilidades sociais e sofrimentos psíquicos que era onde ele queria ajuda e lhe foi indicado a GSEX. Uma das maiores questões que ele tinha era sobre uma adolescente de apenas 13 anos, negra, em situação de rua e travesti que criou um grande vínculo com esse grupo. Em um dia de sol, combinamos que conheceríamos essa menina. Foi assim que conhecemos Machí. Neste primeiro dia ela parecia um pouco receosa, mas demonstrava que confiava em quem Campai estava levando.

Dona das melhores respostas rápidas em diálogos e de uma forma de contar suas histórias difíceis de um jeito simples, essa é a Machí. Desde essa primeira conversa, a conexão foi criada e nos vemos desde então. Em um dos dias que ela estava numa conversa com a gente sobre sua vida na rua, já que tinha evadido de um dos abrigos, mais uma vez masculinos, que lhe foi oferecido, expliquei sobre o Projeto que estávamos montando. Conteí que queria que fosse em uma praça pública. Ela me olha sorrindo e diz:

“Travando a Pista! As “travas” vão parar aquela praça e você vai colocar esse nome e dizer que fui eu que dei.”

Obrigada Machí. Ela com certeza vai ler essa dissertação e vai dizer que só podia ter vindo da GSEX mesmo todo esse texto, as meninas que ela sempre sabe reconhecer em tudo que é lugar da cidade.

Debatendo junto com as travestis sobre esse dia da Ação, as ideias foram surgindo. Para além dos equipamentos de Saúde e Assistência, elas gostariam de apresentações culturais e lanches. Nos reunimos com os equipamentos públicos de Niterói e conseguimos que cada um oferecesse alguma atividade. Era pensado para elas, mas também para a população em situação de rua, como também para pessoas que podiam estar passando por aquela praça naquele horário. Considerar que um equipamento público estava indo até uma praça para atender travestis é algo marcante, mas mais ainda pensar que a cidade não se isenta disso, a praça estaria aberta para qualquer pessoa participar e se sentir à vontade para aqueles atendimentos.

Tudo combinado. Autorização para uso da praça recebida da Prefeitura de Niterói. Chega o dia. Correria para buscar caixas de som e os microfones que estavam sendo emprestados pelo Coletivo Transparente. Tendas chegando. Eventos sendo montados. As equipes dos parceiros começam a chegar, todos são encaminhados às suas mesas. Elas começam a chegar aos poucos. Enquanto algumas estavam sendo atendidas pelos equipamentos que marcavam presença, o “Cultura a Céu Aberto” se inicia com o filme da semana para um grupo animado da população em situação de rua. O elenco da esquete teatral chega. O cinema termina e colocamos a aula de bambolê em seguida. Todo mundo parecia estar se divertindo. Elas circulam, entram e saem da praça. Colocamos o teatro para se apresentar, mas não fixam a atenção neles.

Seguimos a programação e abrimos um pano longo vermelho para fazer uma passarela para as meninas desfilarem suas roupas do Miss Transex 2019. O Miss Transex era um evento que acontecia anualmente na cidade promovido pela Larissa. Em uma reportagem do site Extra, Larissa diz em uma entrevista que “É uma noite de resistência. Mostraremos o glamour e a elegância que nos negam, muitas vezes atrelando as travestis somente ao noticiário policial.”¹⁷

¹⁷ <https://extra.globo.com/noticias/rio/concurso-miss-transex-niteroi-leva-travestis-passarela-em-um-desfile-de-orgulho-20269273.html> acessado em 11/05/24 às 15:21.

Elas desfilam, sorriem, estão lindas. Logo depois, entra a cantora WQUEER para seu show. Música, bundas para o alto, requebradas e risos. Assim encerramos a Ação. Arrumamos tudo, na saída algumas pessoas me parabenizam. A gestora da Coordenadoria de Direitos Humanos me pergunta como fiz isso? Afirma que nunca viu um evento com tantas travestis. Sorrio. Estou cansada, vou para casa.

“Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente da sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. Ainda que por pouca coisa a ser vista: é preciso cerca de cinco mil vaga-lumes para produzir uma luz equivalente à de uma única vela.” (DIDI-HUBERMAN, Georges; 2020; p.52)

Neste dia, a GSEX acendeu mais uma vela. Mais uma vela se manteve acesa em meio a cidade anoitecida.

Chão de terra e BR

É como estar diante da morte e permanecer imortal
 É como lançar à própria sorte e não ter direito igual
 Mas eu resisto, eu insisto, eu existo
 Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo

Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
 Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso

(O que pode um corpo sem juízo? - Jup do Bairro)

As ruas de terra paralelas à BR contam o início de uma amizade sólida como toda aquela aposta de estarmos ali. Contam a história do Mapeamento da violência contra a população LGBT que fazíamos na cidade. Este Mapeamento sempre funcionou no sentido de pensar o território diante dessa violência. Como esse território segue depois de uma violência a um corpo? Não tínhamos como premissa os números e contávamos com a parceria com os movimentos sociais e instituições que entendiam que estávamos ali para pensar o cuidado a partir da Psicologia.

Segundo Beatriz Adura (2017), a história travestida pela cidade não pode ser um corpo útil para o controle e o confinamento. É possível não nos acostumarmos a ouvir histórias passíveis de serem transformadas em um futuro prévio? Trazendo esse tensionamento, o Mapeamento era montado. Quando abrimos a pesquisa, que tinha como premissa mapear as violências na cidade de Niterói, fomos surpreendidas com a primeira história vinda de São Gonçalo em maio de 2017. Este fato nos fez ver mais uma vez que o território sempre apresenta suas demandas quando se está disposto a ouvi-lo. Não existe Niterói sem São Gonçalo e aqui afirmamos mais uma vez isso.

Ninguém passa incólume pela violência, e todas nós que fomos violentadas e injustiçadas ao longo da vida sabemos bem disso. A violência cria marcas, implica vidas, ela não é nunca um evento simples, é sempre complexa, multidimensional, e por isso requer cuidado. Desse modo, para que não se confundam com embrutecimento, é preciso articular os processos de redistribuição da violência com outras formas de cuidado, partindo do princípio de que é fundamental abraçar a própria violência quando tornar-se responsável por ela. (MOMBAÇA, J.; 2021; p.81)

Duas travestis casadas, vivendo juntas em Belo Horizonte e felizes. A mãe de uma delas as convence a voltar para São Gonçalo e é assim que tudo começa. Ela era contra não só o romance das duas, como também a identidade de gênero da filha. Em um plano pensado por essa mãe, as presenteia com vinhos e chama uma ambulância particular para a internação involuntária da filha que supostamente fazia uso abusivo de álcool e outras drogas. Uma prática ainda comum mesmo o Brasil sendo um país cuja a Lei 10.216 de 6 de abril de 2001, menciona no seu primeiro artigo os Art. 1º Os direitos e a proteção de todas as pessoas, independentemente da raça, cor, sexo, religião, gênero, dentre outros aspectos.

Mesmo existindo uma lei federal, Júlia é internada em uma Comunidade Religiosa, ou como é mais comum ser chamada, Comunidade Terapêutica. Esses locais tem como base a religião e não necessariamente o cuidado em saúde. A restrição de liberdade é a norma que mantém esse modelo de cuidado. Segundo o Relatório da Inspeção Nacional em Comunidades

Terapêuticas de 2017, as informações colhidas com usuários, equipes e diretores, em ao menos 14 das 28 instituições visitadas não dizem respeito à diversidade de orientação sexual e identidade de gênero.

Então quando chega na Comunidade, ela tem seu cabelo raspado e é apresentada a um homem que seria seu “*modelo de masculinidade*” para seguir e imitar. Permanece durante 10 dias nessa internação, sendo medicalizada em excesso, já que um companheiro de quarto fala que era melhor permanecer dopada para sobreviver a isso. Nesses 10 dias sua esposa Laís move redes sociais e movimentos sociais pedindo ajuda para libertar sua amada. A história toma uma grande proporção midiática. Uma delegada em Neves, bairro de São Gonçalo, convoca essa clínica a dar explicações. Trazem Júlia de outro estado e, quando está sozinha com a delegada, ouve que se for confirmada a história por ela, não deixará ninguém a tirar de lá. O casal confirma e então vem a liberdade. Vão então morar em Guaxindiba na casa da mãe da Laís em São Gonçalo, o último bairro do município na divisa com Itaboraí, um local com acesso bem complexo pela falta de infraestrutura das ruas.

Duas participantes da extensão recebem uma supervisão sobre a história. Irão chamar o casal para uma conversa na faculdade, no Serviço de Psicologia Aplicada, junto a supervisora da extensão. O casal conta todo o ocorrido, afirmam que querem se cuidar mas que não querem circular pelas cidades por medo. Fica combinado de fazer atendimento domiciliar, iríamos uma vez na semana na casa das duas. Uma atenderia a Laís e a outra atenderia a Julia. Uma pergunta toma a cabeça delas: como chegar em Guaxindiba? Nunca tinham ido e não faziam ideia de como chegava, só ouviam falar que era bem longe e que o ônibus até lá era bem difícil. Moram em cidades diferentes, neste primeiro dia combinaram de pegar o ônibus juntas no terminal de Niterói. Foi assim que fizeram, seguindo as orientações que as meninas deram.

Nessa época estavam no início de toda essa construção e não tinham tanto vínculo como equipe, foram construindo a intimidade durante esses percursos que eram bem longos. Os ônibus para esse bairro, assim como muitos do município, eram bem ruins, além de escassos, não tinham ar condicionado e nem eram confortáveis. Estava muito calor naquele dia. Saltaram em uma praça que seria o ponto final do ônibus e aguardaram as meninas virem buscar elas. O local não era asfaltado e levantava poeira a cada carro ou moto que passava. Compraram uma água gelada para suportar aquele dia muito quente. As meninas chegam em pouco tempo, cumprimentam e decidem ir andando para a casa delas. A lembrança da supervisora explicando que o que faziam era chamado de atendimento domiciliar vinha à cabeça. Segundo o site do Governo Federal¹⁸, a atenção domiciliar (AD) é a forma de atenção à saúde oferecida na moradia do paciente e caracterizada por um conjunto de ações de promoção à saúde, prevenção e tratamento de doenças e reabilitação, com garantia da continuidade do cuidado e integrada à Rede de Atenção à Saúde. Será que era isso que estavam fazendo?

Enquanto caminhavam até a casa delas foram se apresentando e ouvindo também as apresentações delas. Não tiveram uma longa conversa, mas puxaram assuntos aleatórios sobre o tempo e o local que estavam. Chegando na casa são recebidas pela mãe de Laís que oferece água e reforça sobre o calor que sentiam. Júlia leva a integrante num quarto enquanto a outra é levada por Laís para algum outro cômodo. Demora a conseguir falar, parece nervosa. O que depois lembro dessa conversa é como Júlia demonstrava com o corpo como estava receosa, passou o atendimento todo se rabiscando na mão. Pergunto se gosta de desenhar e ela afirma que sim, tem tentado se distrair desse jeito. No atendimento traz o quanto foi difícil os dias em que esteve internada e o quanto isso traz sequelas até aquele momento. Fala sobre achar que pessoas que a amam estão falando atrocidades para ela e que muitas vezes tem que repensar para lembrar que isso é efeito do ocorrido, e que não é uma verdade.

¹⁸ <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/dahu/atencao-domiciliar> acessado em 25/04/24 às 10:30.

Sobre o momento em que consegue chegar na delegacia em Neves, afirma o quanto se sentiu acolhida pela delegada e que agora está acontecendo um processo em que sua mãe não pode mais se aproximar dela. Tem muito medo de andar pelas ruas mas sente que ali em Guaxindiba está começando a ser conhecida e com isso vem uma maior segurança. Mas conta sobre o desejo de voltar a Belo Horizonte, onde eram felizes.

As cuidadoras combinam que voltariam toda semana. Assim foram continuando. No caminho que faziam semanalmente, as duas colegas trocavam informações sobre suas vidas, se conheciam junto a conhecerem Júlia e Laís. Descobriram um ônibus melhor, agora soltavam na BR, no último ponto que ainda era considerado o município de São Gonçalo e subiam até a casa delas. Essa subida era um morro de terra batida, sem nenhuma sombra e iam aos poucos gravando cada buraco e relevos que tinham que desviar nas andadas. Quando iam embora atravessavam a passarela juntas para o ônibus de volta.

Com o tempo não iam mais juntas, os horários foram ficando diferentes devido ao compromisso da vida de cada uma e também do casal. Era sempre bom o momento das supervisões onde contavam dos atendimentos que estavam fazendo em dias separados. Júlia não seguiu muito tempo de acompanhamento, o impacto daquela internação fez mudar mais do que o visual que hoje era tido como masculino. Fez repensar o jeito de estar no mundo e quais seus sonhos para o futuro. Se tornou cada vez mais retraída. Laís continuou os atendimentos e inclusive foi uma das primeiras a compor o grupo de vivências para a população LGBTQIA+ que, a integrante, conduz no Centro de Referência em São Gonçalo até hoje. Os grupos de cuidado também serão tópicos desta dissertação.

Este caso nos impactou muito, não só por ser o primeiro mas por nos mostrar que o cuidado em psicologia tem que ser com o viés antimanicomial, não tem como ser de outra forma. Uma travesti foi internada com a desculpa de ser uma usuária de álcool e outras drogas e foi submetida ao procedimento de “cura gay”. Toda essa história é um crime, desde a

internação compulsória, a empresa de ambulâncias particulares que operacionaliza esses sequestros, a justificativa de isolamento para tratamento do uso prejudicial, a existência de Comunidades Terapêuticas, até o procedimento da cura gay. Essa história aconteceu em 2017¹⁹, mas hoje em 2024, ano da escrita desta dissertação, tudo isso ainda ocorre. Só neste mesmo ano tivemos a aprovação de uma PEC que criminaliza a posse e porte de drogas²⁰ e mesmo em um governo que se diz libertário temos a publicação do Ministério do Desenvolvimento Social aprovando vagas e financiamento para Comunidades Terapêuticas²¹.

A estudante tinha sido lançada no território antimanicomial, logo não podia mais encarar a diferença como objeto para ser enquadrado, contemplado e estudado. A diferença vai desalojando-se de um sujeito sendo tomada como condição para as relações e não mais um objeto passível de aceitação ou de tolerância. Sendo assim, a atitude da estudante precisava deslocar-se da conhecida contemplação que observa sem misturar-se, para disponibilizar-se às inquietações, desestabilizações, estranhamentos que o desconhecido convoca. (KNIJNIK, C., MARTINS, B. A., p.21, 2017)

A inquietude foi plantada na gente no acompanhar dessa história e seguimos nela até hoje. Foi com ela que entendemos que o cuidado precisa se fazer no coletivo e para pensar a cidade.

Queimando existências

Eu vou vingar
 Quem mandou morrer
 Quem mandou matar
 (Júnior está morto)
 Para renascer das cinzas
 Antes teve que queimar

Arder
 Queimar, arder

¹⁹ <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/travesti-e-internada-a-forca-em-sao-goncalo-e-e-agredida-por-enfermeiros-18052017/> acessado em 25/04/24 às 10:52.

²⁰ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2024-04/senado-aprova-pec-que-criminaliza-posse-e-porte-de-drogas#:~:text=Publicado%20em%2016%2F04%2F2024,qualquer%20quantidade%20de%20droga%20il%C3%ADcita.> acessado em 25/04/24 às 10:54.

²¹ <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/09/29/criticadas-por-psiqlatras-e-incentivadas-por-bolsonaro-comunidades-terapeuticas-para-dependentes-quimicos-continuam-no-atual-governo.ghtml> acessado em 25/04/24 às 10:56.

Queimar, arder
E se trans for mar, eu rio
E se trans for mar, água de torneira
E se trans for mar, eu rio
Contra a correnteza
Pra me lavar

(Eu matei o Júnior - Lina Pereira)

Mais um dia de trabalho. Mais um dia pelas ruas de Alcântara em São Gonçalo, bairro de Agostinho Carrara do seriado A grande família e também considerado o Centro deste município gigante. Lua vai procurar uma saia que combine com a blusa e a meia calça pretas que tinha separado mas lembra que sua amiga pegou emprestadas. Será que ela já fez uso, já lavou e já está pronta para ser usada de novo? Vai até o quarto de Lara e encontra a amiga nas finalizações da maquiagem.

“Será que hoje o dia vai ser bom? Tô precisando mesmo de dinheiro para pagar o aluguel desse quartinho.”

Olha para a amiga, repara novamente o quanto ela é alta e como fica bem naquele vestido azul colado ao corpo negro. Tenta entender como consegue ainda usar esses saltos enormes.

“As meninas tavam conversando que hoje tem um evento de samba lá pelo Mutondo (bairro próximo), pode ser que alguns clientes venham animadinhos... Mona, cadê aquela saia com brilhos que te emprestei um outro dia? Só consigo imaginar minha roupa com ela hoje.”

Lara só agora repara que Lua veio ao seu quarto só com uma blusa preta, calcinha e meia calça. Percebe que o corpo negro da amiga tem ficado mais forte e que o silicone do peito se ajeitou mesmo ao seu corpo.

Lua coloca a saia, se olha no espelho mais uma vez e ela e Lara saem juntas para o ponto de trabalho.

Depois de algumas horas já trabalhando, teve alguns clientes péssimos mas pelo menos um que pagou um valor bom. Chega um homem negro, alto, com uma cara fechada e a chama para um programa. Na mesma hora uma outra colega de trabalho a avisa que ele é meio violento e que não iria aceitar ir junto por isso. Lua sempre se interessou por *sexo selvagem*, como algumas pessoas gostam de dizer, pensou que esse cara na verdade poderia ser um tesão para ela. Avisou a amiga Lara que iria para um hotel ali mesmo em Alcântara e que depois iria para casa porque já estava exausta da noite.

“De manhã nos falamos e fofocamos sobre tudo da noite.”

Em outra cidade próxima, uma estudante chega à faculdade em Niterói com alguns trabalhos para terminar e atrasada para encontrar uma amiga. Marcaram de se encontrar na cantina, o que era ótimo já que estava com fome e o trajeto do ônibus até ali demorou mais do que o esperado. Logo que chega acha uma mesa vazia e já deposita a mochila pesada e começa a olhar em volta procurando a amiga, não acha. Ela achando que estava atrasada mas Julia sempre pode surpreender. Pega seu celular e vai olhar as últimas notícias. Antes de chegar às páginas de notícias, viu que alguns grupos de whatsapp que estava inserida estavam bombando de mensagens. Os grupos dos movimentos sociais são movimentados mas nem tanto assim, abre e se depara com uma notícia de uma travesti queimada em São Gonçalo. Seu corpo dá uma paralisada por alguns segundos. Abre a conversa com o presidente do movimento social que tinha muito contato e lá já tinha mensagem dele mandando a notícia. Fala com ele que estavam disponíveis e queriam estar junto. Esse era o jeito padrão da estudante que fazia parte de um estágio que mapeava a violência contra a população LGBTI em Niterói e São Gonçalo e sempre esteve muito próxima dos movimentos sociais de São Gonçalo. Ainda bem que teriam reunião hoje do estágio para já falarem sobre isso e serem pensados os próximos passos.

O Mapeamento da Violência LGBT que fazíamos desde que iniciamos a GSEX reuniu muitas histórias na nossa trajetória. Muitas histórias que nos fizeram pensar inúmeras formas

de lidar com o cuidado e com o que a cidade pode e deve oferecer. Essa história em específico, que foi difundida na mídia, nos fez ver o quanto a psicologia é possível no cuidado em volta. Não chegamos a estar no hospital com ela, mas conseguimos estar o tempo todo com os movimentos sociais que se engajaram muito nesta história. Essa travesti acabou falecendo, porém antes de isso acontecer, saíram notícias onde dizia que não queria mais ser chamada pelo feminino.

Até onde a violência vai? Até onde a violência entranha na experiência de vida de cada pessoa violentada? Nos *anti-mandamentos para atrapalhar a gramática da violência*, Sofia Favero nos traz, disputou ativamente os significados do sexo, reconhecendo que a transfobia é uma brutalidade que subtrai, distorce, comprime, impede um exercício ético da vida (p.141, 2022). Essa travesti vitimada pela violência cruel não pôde disputar esses significados, não teve tempo para elaboração do que sofreu e teve a mídia muito em cima para receber respostas rápidas do que gostaria de fazer com a vida a partir daquilo.

O pedido da cidade

O encontro com o Centro de Referência LGBTI de São Gonçalo teve início ainda antes de sua inauguração. Somos chamadas a estar num encontro formativo com a equipe que iria compor esse equipamento. Junto a outros movimentos e instituições somamos força para poder dizer que equipamento São Gonçalo precisa. Entendemos como importante essa chamada da própria equipe, já que mesmo sendo inquestionável o saber técnico. Interessava a eles ouvir quem já estava no território, aprender e trocar a partir do que já existia junto à população LGBTI.

O equipamento é inaugurado e logo após um novo momento político se instaura no Brasil, podendo impactar muito sobre os direitos da população LGBTI, a eleição do presidente

Jair Bolsonaro. Os equipamentos e movimentos se mobilizam para tentar entender e pensar antes mesmo de sua posse, o que seria possível para garantir e assegurar o que já existe.

Casais se apressaram a casar, outros se apressaram para a retificação do nome, tudo era uma corrida contra o tempo para o que poderia vir a ser esse governo. O Centro de Referência logo que inaugura passa a receber inúmeras e diferentes demandas.

Ao mesmo tempo, com tanta correria e desespero, pensamos que era momento de respirar. Começamos a pensar que nenhuma dessas corridas seria suficiente ou traria resultados que sanasse os possíveis 4 anos de governo. Era hora de cuidar dessa população que naquele momento via com certo medo seu direito à vida, que estava prestes a ser ainda menos garantido.

Somos convidadas a uma reunião onde a equipe do Centro mostra suas percepções sobre as demandas que estavam aparecendo e o quanto de preocupação tinham sobre o cuidar dessa população. O Centro de Cidadania é um equipamento da assistência social e não da saúde. Isso fez com que eles refletissem sobre as possibilidades de construção de rede coletiva de cuidado. Percebem que era importante um espaço de encontro onde as pessoas pudessem se reconhecer e se acolher.

Desta forma, a GSEX é convidada a iniciar um grupo de vivências e aceitamos Comunicamos que este seria pautado pelo psicodrama. Um grupo em que a presença de uma pessoa é considerado grupo e que a presença de 30 também é. Em diferentes momentos e com diferentes números de pessoas, um coletivo que se propôs desde seu início como um grupo aberto. Onde sempre foi possível: só chegar.

O ano de 2018 foi um momento de muito desespero mas também de obrigação de pensar nas possibilidades de existência. A eleição de um governo conservador que trazia na sua campanha de governo o desejo de erradicação da população dissidente de gênero e sexualidade,

da população negra, quilombola, indígena e pobre fazia com que muitos ficassem angustiados. Foi nesse momento que surgiu a demanda de cuidado pela GSEX.

Nesta primeira reunião com o Centro de Referência LGBTI (CRLGBTI) de São Gonçalo que foi citada, acreditamos que é importante a apresentação de um personagem essencial na nossa história, o então coordenador do CRLGBTI, Junior. Um psicólogo gay que fez com que seu trabalho e sua vivência pessoal estivessem sempre interligados e não de uma forma antiética, mas para pensar nas muitas possibilidades de oferta que ele mesmo não teve quando precisou. Vindo de uma vivência baseada na religiosidade e seus dogmas, nos conhecemos em sua primeira Parada já como coordenador do CRLGBTI. Lembro de encontrá-lo em cima do trio com a escrita no celular do que ia falar ao chegar no microfone, conversamos sobre o seu nervosismo e ele compartilhou a sua história. Esta força e essa inquietude também foi palco dessa luta para a existência deste dispositivo. A luta para que o CRLGBTI existisse em um município com um histórico de violação de direitos foi trilhada por ele junto a movimentos sociais e figuras de liderança essenciais. Figuras estas que sempre acolheram a GSEX desde seu início. Não foi de forma fácil que esse equipamento surgiu, é fruto de muita luta. Inclusive conseguiram transformar em lei a existência deste serviço²².

Nesta reunião conta que tem recebido muitas demandas de pessoas tendo seus direitos violados, de sofrerem violências e de não estarem bem com a vida que tinham. Conversamos então sobre o cuidado em coletivo. Regina Benevides, em seu artigo “Clínica Grupal” (1996), traz uma reflexão sobre o desinteresse na técnica grupalista. Traz que o efeito-econômico-circunstancial redundou, na área da saúde, em sua utilização como recurso para postos e centro de saúde da rede pública, para diminuir a “fila de espera”. Isto faz com que deem pouca

²² <https://leismunicipais.com.br/a/rj/s/sao-goncalo/lei-ordinaria/2020/118/1174/lei-ordinaria-n-1174-2020-cria-no-ambito-do-municipio-de-sao-goncalo-o-centro-de-referencia-especializado-na-promocao-da-cidadania-lgbti-lesbicas-gays-bissexuais-travestis-transsexuais-e-intersexuais-e-da-outras-providencias> acessado em 14/05/24 às 20:22

relevância para esse cuidado e que cada vez mais profissionais façam uso disso sem pensar a técnica e a importância desta aposta.

O grupo-dispositivo afirma-se em sua capacidade catalizadora dos fluxos dispersos que se apresentam em cada cena. Como dispositivo, recusa qualquer forma de totalização e unidade. Como dispositivo, é sempre multilinear. Como composto de linhas de natureza diversas, o grupo-dispositivo está sempre nas adjacências de modos outros de territorialização. Em todo dispositivo, disse Deleuze, “é necessário distinguir isto que nós somos, isto que não somos mais, e isto em estamos nos tornando...”. É assim que entendemos o grupo - um dispositivo que põe a funcionar máquinas de desmanchamento do “indivíduo” que nós somos, que acionam movimentos no que deixamos de ser no encontro com a alteridade que nos avizinha e no deslizar pela superfície daquilo que estamos em via de diferir e nos tornar. (DE BARROS, R. B.; p. 8, 1996)

Entendemos o cuidado em grupo como um cuidado coletivo, não nos interessa cuidar de cada um como um indivíduo, e sim como um sujeito que é o seu meio social. Quando paramos para analisar que essa demanda surge de um momento político do país, fica mais evidente que a demanda é plural, é coletiva. Nos momentos do Mapeamento da Violência que fazíamos, quando chegava um caso, tínhamos um caminho que estabelecemos para seguir. Iniciamos com “onde aconteceu?”, nesta parte buscamos entender a questão urbana, que rua, em que horário, qual população costuma passar por ali, quem não costuma passar, como a vizinhança ficou depois do que aconteceu. Em seguida, queríamos entender “com quem foi?”, para isso podíamos acionar a rede intersetorial e movimentos sociais, como também os contatos dos familiares e amigos para nos apresentarmos. Seguidamente oferecemos o cuidado a essa pessoa ou a esse familiar ou a essa rede de pessoas.

Trago essa metodologia de trabalho para demonstrar que a partir dela, nunca foi possível pensar no cuidado individual. Não nos faz sentido acolher essa pessoa sem outras pessoas em volta, sem o braço da cidade estar junto. Nunca estivemos num local de pura crítica a clínica individual, que inclusive é tão incentivada durante a formação em Psicologia, só não nos faz sentido. Recorrendo a Regina Benevides (2007) mais uma vez, o que se afirma quando

a aposta é no coletivo? O grupo, nesse sentido, se apresenta como uma rede quente que porta, do processo de produção, seu produzir-se contínuo. Possibilidade de mundo outros, de outras saídas e novos problemas.

Eles receberam bem a ideia de ser um cuidado em grupo e era importante entender que não tínhamos nada como óbvio. Precisamos entender qual horário e como seriam as entradas. Na reunião com várias pessoas dos movimentos sociais da cidade foi pensado um horário para que a população trans pudesse participar, já que existiam muitos pedidos a partir deste público. Ouvimos sobre a circulação dentro daquele território em torno do CRLGBTI, o que era possível e o que não era possível. Foram falados de algumas situações de violência próximo ao local. O CRLGBTI fica no bairro do Mutondo em São Gonçalo, um bairro com fácil acesso de transporte público e próximo a uma área central do município, o bairro do Alcântara. O local onde fica o equipamento é no segundo andar de um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e ao lado de um Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua (CENTROPOP). Considerando isto, é um local com muito acesso em horário comercial mas uma rua com bem pouca movimentação no período da noite que era justamente o melhor horário para a população que precisa trabalhar e ser cuidada depois do seu expediente.

Intitulamos de Grupo de Vivências para salientar que não estávamos ali no cuidado terapêutico, mas para troca das vivências e fortalecimento do grupo enquanto coletivo. Nossa referência teórica é o Sóciopsicodrama, desenvolvido por Jacob Levy Moreno. É uma abordagem terapêutica que combina elementos do psicodrama com a análise sociológica e cultural para explorar dinâmicas de grupo e questões sociais através de dramatização e reflexão. É uma técnica que não é restrita ao fazer psi, toda e qualquer pessoa pode ser um psicodramatista, tendo seu estudo e prática.

O CRLGBTI de São Gonçalo fica alocado dentro de uma residência que também é usada por outros equipamentos na assistência. Todos com hora prevista de término dos trabalhos às 17h. O funcionamento é regular, um local com dois andares, sala de espera, de atendimento, tudo dentro dos padrões. A partir do momento que o Centro se disponibilizaria a um grupo de cuidado, o horário de funcionamento não se pensa mais a partir da instituição e sim, de quem participa dele. O equipamento fecha às 17h, mas boa parte dos integrantes só podem chegar a partir deste horário, já que estavam voltando de seus trabalhos, estudos e compromissos.

Teoricamente o equipamento segue sendo o mesmo, se não fosse o não funcionamento das luzes nas partes externas. Que ironia, segue sendo na escuridão, no escondido, no fechar das portas que o cuidado a população LGBTI+ torna-se possível. Muitos grupos acontecem, com feixes de luz que vem de dentro do equipamento, luzes de celular e até mesmo alguma lanterna. Encerramos o grupo inúmeras vezes no total escuro. Quando perguntamos sobre a possibilidade de manutenção por parte da prefeitura, a resposta é aquela que não surpreende, falam que "não seria possível, não temos recursos, etc".

A falta de luz incomoda, a falta de luz reflete algo que fica difícil de acessar, a falta de luz não faz desanimar, mas faz questionar. A falta de luz é resolvida por um homem, negro trans, mais velho e que pela primeira vez havia encontrado espaço de acolhimento no Centro de Referência LGBTI. Romário "engataiu", trouxe lâmpadas, fios e puxou a luz. Romário, sobrevivente da LGBTIfobia, vivenciou diferentes formas de violências, tinha experiência e sabedoria demais para compartilhar em grupo, mas às vezes só precisava do abraço. O melhor empadão era o dele, o melhor abraço também. Romário foi levado pela COVID e a partir dele a luz novamente se apagou.

O grupo em São Gonçalo se tornou uma instituição à parte do CRLGBTI e tem sua força no coletivo de pessoas que se dispõe a estar com ele até hoje, em 2024. Essas pessoas

passaram pela pandemia do COVID em que o grupo teve que se tornar online e também a todo o governo Bolsonaro. Um grupo feito pela mesma psicóloga até hoje, tendo variado os estagiários. Um grupo que hoje não se faz no mesmo local devido a disputas políticas, demissões injustas e sucateamento do equipamento pelo município que elegeu um capitão em 2020. O grupo segue buscando sua luz. Encontraram um local onde podem se fixar novamente em uma casa gerenciada por um pastor que é o símbolo do acolhimento honesto à população LGBTI. Aqui São Gonçalo segue mais uma vez mostrando suas contradições.

Em agosto de 2023 foi feito um evento para anunciar a mudança do local que acontece o Grupo de Vivências intitulado como “Cuidado, território e diversidade: um encontro da Psicologia com a Cidade”. Nesse evento com parceiros desta longa história queríamos não só dizer do novo local e afirmar a importância deste acolhimento, mas também fazer a cidade ver o que o cuidado em coletivo tinha conseguido até ali. Neste dia, mais uma vez pudemos ver a potência do trabalho e dos laços que foram conquistados. Eram mais de 30 pessoas numa quinta-feira à noite que optaram por estar ali para falarem da sua experiência sobre o grupo. Os parceiros se ouviam e se referenciam nas falas, um apontando para o outro e dizendo o quão importante foi a história. Neste dia também existia uma dificuldade com a luz, mal conseguimos nos ver em alguns momentos. Mal conseguimos também nos ouvir pelo som de uma igreja evangélica em horário de culto com um volume alto. Mas conseguimos entender o porquê estávamos ali e o porque este grupo existe até hoje.

Toda a beleza e todo respiro que existem vieram a ser apesar do Brasil. Então é para o apesar, para o terreno da força que contradiz toda brutalidade, que estas palavras fogem. A existência deste coletivo concorda com Jota Mombaça (2021) e diz que apesar do Brasil que vivemos até ali, aqui se faz uma existência coletiva na cidade.

No dispositivo-grupo o rastreamento das forças em jogo se faz pelo mapeamento da manutenção/desmanchamento das instituições, da naturalização/desnaturalização dos modos de viver/sentir, do acompanhamento dos fluxos que se deslocam no tempo, produzindo

modificações nos territórios constituídos. O que aqui se destaca é o funcionamento do estrato. O embate de forças se dará não apenas no eixo verticalidade/horizontalidade, mas no da transversalidade que não para de desmontar as linearidades explicativas dos atos-sujeitos-objetos. Atos de expansão, atos de implosão, atos-corte-de-fluxos. As linhas de força nos levam a estar no meio o tempo todo. E com isso não estamos nos referindo a qualquer tipo de intermediação entre totalidades (o social e o indivíduo) ou a qualquer tipo de "neutralidade acima de qualquer suspeita". (DE BARROS, R. B.; p. 102, 1995)

Niterói também fez seu pedido, um homem trans que era coordenador de um movimento social voltado à população trans pede que a GSEX possa cuidar das pessoas que têm ido até ele falar das violências e angústias que vinham sofrendo. Estávamos em maio de 2019 e já existia o Grupo de Vivências na outra cidade e ele vinha com um pedido para um grupo voltado somente a população trans. Explica que querem falar do que precisam, se solidarizar uns com os outros e que em muitos momentos não se sentem à vontade com as outras letras da sigla. Aceitamos a ideia e queríamos pensar num local público, um local que estivéssemos na cidade, e de fácil acesso. Ofertaram a Coordenadoria de Direitos Humanos que se localizava no Centro de Niterói, local com ótimo acesso de transporte público e com horário prolongado de funcionamento.

O grupo se iniciava com duas psicólogas da GSEX, uma como coordenadora e outra como ego-auxiliar, seguindo a linha teórica do sóciopsicodrama. O ego auxiliar, também conhecido como "ego suplente", é um indivíduo escolhido pelo diretor para representar pessoas ou objetos ausentes ou que não podem ser representados por outros membros do grupo durante a atividade. A função do ego auxiliar é apoiar a encenação, seguindo as orientações do diretor e preenchendo lacunas necessárias na atuação. Por outro lado, o coordenador, também chamado de "diretor", é o profissional encarregado de conduzir a sessão de sóciopsicodrama. Sua função é facilitar o processo terapêutico, auxiliando os participantes a explorarem suas questões, orientando as dramatizações e estimulando a reflexão sobre as experiências vivenciadas.

Semanalmente o grupo ia se conhecendo, os participantes iam se entrosando e recebendo novas pessoas. Uma psicóloga não continuou, já que conduzia também o de São Gonçalo e tivemos a entrada de um estagiário da Universidade Federal Fluminense (UFF), nesta altura uma das integrantes virou professora da UFF e hoje é a orientadora desta dissertação. Viramos um estágio. A psicóloga e o estagiário se encontravam antes, planejavam o roteiro tinham a orientação da outra psicóloga mais experiente e depois debatiam sobre suas sensações do que tinha acontecido naquele dia.

A prática de pedir a sensação de cada membro do grupo a cada novo momento da atividade nos faz ver como está acontecendo e como está chegando a cada um as atividades propostas. Neste caminho de pedir a sensação, trazíamos para gente a cada acontecimento. Os dois grupos sempre aconteceram junto aos movimentos sociais e como já falamos aqui, existem disputas entre eles. Isso atravessava o grupo em alguns momentos.

Em uma Parada LGBTQIAP+ no ano de 2019, encontro um membro do grupo que aqui vamos intitular como Luiz, um homem trans que vem para o grupo muito retraído, não se comunicava muito, tinha poucas amizades e não saía muito de casa. Neste dia estava na rua, em cima do trio da Parada. Logo que chego e ele me vê, desce do trio e fala: “ele falou que se eu não jogar a blusa do movimento social X fora, eu tô fora do grupo... ele gritou comigo na frente de todo mundo”. Penso que como é possível alguém que se diz militante, que diz que vive para isso, botar tanto desespero no rosto dessas pessoas que ele tanto acha que protege?

Naquele dia, o Maurício, vamos chamar por esse nome, que foi quem nos trouxe a demanda do grupo, usou do seu poder como coordenador de movimento social e da sua ficção de criador do grupo, para criar uma condição para Luiz continuar se cuidando. Depois de acalmar o Luiz naquele momento e ele voltar a rir e se divertir no trio, penso em como faremos com esse entrave. Levamos ao grupo, isso vira pauta do encontro, debatemos sobre como é a

rua e os atravessamentos naquele cuidado. Reforçamos todos os combinados e reafirmamos que aquele grupo é do coletivo de gente que precisa dele.

Este grupo passou também pela pandemia do COVID em que se transformou em online. Permanecemos juntos até o retorno presencial. Aconteceu a mudança de estagiário, já que o antigo havia se formado. Houveram algumas mudanças de locais. A disputa política aparecia nos locais que nos eram cedidos para acontecer e para não ficarmos reféns de tudo isso, mudamos de local. Estivemos em um quilombo, num local de acesso público que é o Caminho Niemeyer e também na UFF. Em 2022 a psicóloga não sustenta mais a ida ao grupo devido a carga horária de outro trabalho que iniciou junto a ida de poucos integrantes a cada semana, ele foi assim finalizado.

Importante enfatizar que todos esses dois grupos nunca aconteceram de forma remunerada as profissionais que conduziam. Por vezes tiramos dos próprios bolsos das integrantes da GSEX a passagem dos ônibus para integrantes que queriam muito ir, mas não podiam por questão financeira. Atuar com uma população em situação de vulnerabilidade social traz suas dificuldades. Em uma memória de um relato de um dia de grupo difícil que foram faladas sobre muitas violências que eles sofreram, penso: Foi forte. Foi pesado. Tá sendo pesado escrever entre pausas para respirar com calma. Acredito no grupo.

Domingo de campeonato

Por que você não aceita
 E vai viver a sua vida?
 Amor de igual é igual
 Normal
 Não faz mal nenhum
 Não fique triste
 Mas nem de brincadeira
 O amor é bom
 E amar é

Sonho meu
 De manhã

(Não é comum mas é normal - Lan Lanh)

Não sou, nem nunca fui, uma pessoa ligada a esportes, mas sempre consegui entender a importância do futebol ao meu redor. Na adolescência no condomínio em que fui criada no Fonseca, bairro da zona norte de Niterói, sempre tudo foi ligado ao futebol. Os eventos eram competições combinadas entre as pessoas do condomínio disputando com times de fora. Também existiam competições entre os homens do próprio local. Íamos pelo menos uma vez ao mês na praia de Charitas em uma parte que tinha um campo de futebol para eles fazerem a famosa “pelada”. Mas a minha vivência sempre foi muito rodeada de homens se interessando por futebol, só tinha uma amiga que amava e jogava muito bem e ela sofria todo um estigma por ser a única ali interessada no esporte. A cantina do condomínio estava sempre cheia nos horários de jogos, todos desciam para assistir. As brincadeiras e implicâncias com quem o time tinha perdido em algum campeonato importante aconteciam. Realmente no meu condomínio tudo girava muito ao redor do futebol. Essa lembrança me veio por conta do evento que iríamos naquele domingo pela GSEX.

Nosso trabalho sempre consistiu em participar de muitos eventos em vários lugares e espaços diferentes pelas cidades, hoje foi um desses dias. Acordei em pleno domingo bem cedo, às 7 horas da manhã, com a cabeça pesada de ressaca. Entre arrumar as coisas da casa e fazer comida, só me vi pensando no compromisso que teria mais tarde e junto a isso olhando a janela que não parava de chover. Lá para umas 10 horas parou de chover mas o tempo ainda parecia nublado, pensei que quem sabe não choveria mais tarde. Falei com a bolsista, Cris, que iria comigo para entrar em contato com a Soraya que organiza o evento e ver se iria rolar mesmo com chuva. No fundo do pensamento queria que cancelasse e pudesse ficar em casa descansando, mas ao mesmo tempo estava ansiosa para que tivesse. Cris entra em contato e

descobre que vai ter o campeonato de futebol de mulheres. Essa é uma das edições desta competição.

Nesse momento estávamos realizando junto a UFF e a Coletiva Resistência Lésbica da Maré o Mapeamento Sócio-Cultural-Afetivo de Lésbicas e Mulheres Bissexuais das Favelas de Niterói e São Gonçalo. Tínhamos participado deste mesmo mapeamento no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, e esta seria então a segunda edição agora deste lado da Baía de Guanabara.

Desde que a Soraya, uma mulher lésbica da favela do Cantagalo no bairro de Pendotiba em Niterói chegou junto a pesquisa, ela logo trouxe o campeonato junto. Esse evento que tem muitas mulheres, em sua maioria lésbicas ou bissexuais das favelas de Niterói e São Gonçalo. Na temática do mapeamento, que é nossa pesquisa atual, esse evento tem uma importância gigantesca. Da outra vez que fui na favela do Cantagalo, não consegui ficar muito tempo já que tinha um compromisso logo depois mas o pouco que eu fiquei, a pouca cerveja que tomei, já achei divertidíssimo, mesmo não entendendo muito de futebol.

Combinamos de chegar no começo da competição e no flyer dizia que era as 14 horas. Percebi que eu não tinha a bandeira do orgulho lésbico para levar, só tinha uma bandeira LGBT que faltava uma cor no arco-íris, e por coincidência Cris tinha uma igual. Me vesti com uma roupa que tamparia o frio mesmo sabendo do meu azar com previsão do tempo: sempre me visto para uma sensação térmica e acontece algo completamente diferente. Foi exatamente o que aconteceu. Cheguei no local, que é um clube no Centro de Niterói, que nunca tinha ido. A rua não estava muito movimentada e é um miolo do Centro que tem muito comércio grande e espaços que funcionam mais de segunda a sexta, nesse dia não estava movimentado. Saltei do uber e fui para a porta do clube, o porteiro logo me informou que o futebol não era naquela entrada, era em uma mais a frente. Voltei para a rua e andei mais um pouco, assim que passo pelo portão à esquerda vejo uma quadra enorme.

A direita estava com bastante gente assistindo e um pouco mais a frente um bar com muitas mesas já ocupadas por homens mais velhos e mulheres e meninas, em sua maioria jovens e negras. A Cris já estava com o time de futebol da Soraya e logo que cheguei fomos procurar um local para ficar com os computadores, achamos um espaço que não tinha cobertura mas tudo bem, a essa altura o sol já estava no céu e sabíamos que não choveria mais. Precisava ser um local perto de alguma tomada e só achamos uma tomada meio solta no fio na porta do banheiro feminino, então montamos nossa mesa ali. Pedimos ao bar para usarmos duas mesas, forramos com as bandeiras feias e chamativas que tínhamos e começamos a conexão dos computadores. Só depois que sentei e comecei a conexão dos computadores é que fui olhar mesmo o evento, estava muito no automático de montar tudo.

Tinham mulheres de diversas idades mas em sua maioria pareciam jovens, que estavam todas muito concentradas assistindo o jogo que estava tendo naquela hora. Tinham homens de mais idade por ali bebendo no bar que pareciam assistir tomando suas cervejas mas não tão concentrados, parecia um dia rotineiro deles naquele clube. A sensação mais uma vez de ver um campeonato desse tamanho de mulheres é algo que me impacta bastante, acho lindo de ver e saber que estou ali junto. O primeiro que fui assim que cheguei na favela e vi que a quadra era enorme no centro e que lá todos que estavam em volta estavam concentrados no jogo, fiquei muito comovida. Inclusive era tamanha a emoção nesse dia que uma mãe chegou a entrar para brigar com o juiz no que pareceu uma falta que ele não pegou. Um dia de sol no meio da favela do Cantagalo com homens e mulheres assistindo essa competição com todas as tensões que o futebol traz no corpo de todos.

Voltando a esse domingo em questão, estávamos no sol, existia uma preocupação com os computadores diretamente no sol. Cheguei a procurar outro canto para estar mas além de não achar algo com tomada, estávamos em um local bem à vista, na frente da entrada do banheiro feminino. Cometemos um erro que foi não termos levado flyer porque não

conseguimos pegar com nenhuma das outras bolsistas e também não tínhamos nenhum banner, estávamos ali com os computadores com a bandeira LGBT e nada identificando o que éramos. O que será que estavam imaginando dessas duas mulheres no domingo sentadas com esses computadores em uma competição de futebol? Eu e a Cris chegamos a conversar sobre sermos duas mulheres brancas que muitas não conheciam e que estavam ali com casacos no sol, o que será que achavam?

Fomos conversar com cada mulher ali presente e nos apresentar. Mas como ir conversar com todas elas que estão concentradas no jogo? O medo de ser inconveniente, de ser a mulher chata apareceu mas fui mesmo assim, uma sensação estranha mas o corpo de pesquisadora surge e tomo coragem. O primeiro grupo que fui conversar estava um pouco mais distante da quadra e conversando entre si, pareciam assim menos concentradas. Elas me receberam super bem e ali mesmo já pegaram celular com o qr code e começaram a preencher o questionário. Algumas falaram que não são de favelas, outras disseram que estavam em dúvida porque moram em São Gonçalo e consideram *uma grande favela*. Expliquei tudo da pesquisa e segui para outros grupinhos. Todas me receberam bem, algumas com menos atenção e outras com mais, mas todas parecem ouvir.

Voltei para a mesa e ficamos lá vendo o jogo enquanto esperávamos alguma menina vir preencher, o que não acontecia. O sol na cabeça estava difícil e além disso estávamos as duas com roupas para frio, o que tornou a sensação de calor pior. Nos questionamos se campeonato de futebol é o melhor lugar para trazer o computador e eu tinha como referência o dia que fomos em uma festa na Maré e lá as meninas vinham preencher e depois voltavam para a diversão, ali com o jogo tenso parecia estranho pensar em alguém saindo da plateia e perdendo alguns minutos do jogo para preencher o questionário.

O jogo que estava acontecendo era do time da Soraya com um time de São Gonçalo e o clima estava sobrecarregado. Uma hora teve um lance que eu não assisti que o time de São

Gonçalo disse que o gol tinha sido feito de mão e mesmo assim foi dado como gol legítimo. Isso gerou uma pequena discussão e algumas indiretas sobre como essa vitória seria falada nas redes sociais depois. O jogo acabou e não tive coragem de ir falar com o time e apresentar a pesquisa, a sensação de estresse me deixou angustiada de ir falar. Depois que todas saíram e sobrou só uma mulher que parecia mais tranquila, fui conversar com ela. Expliquei toda a pesquisa e ela respondeu “mas é só para mulheres lésbicas e bissexuais né?” e eu concordei, quando ela diz “mas eu não sou, estou com meu marido e filho aqui”. Pensei que tinha dado uma bola fora mas querendo reverter falei para ela divulgar para o time dela, que concordou.

Depois disso a Cris conversou com a Soraya que trouxe o time para preencher. As meninas vieram e algumas disseram que não saberiam responder, que tinha vergonha. Uma estava muito animada para responder, logo sentou na cadeira e chamou as outras para responderem, as que falavam que estavam com vergonha ela já afirmava que iria ajudar. Dúvidas surgiam quanto a identidade “eu sou uma mulher cis?”, outras surgiam sobre dizer se tem ou não internet no celular porque naquele momento estava sem crédito. Riam e brincavam umas com as outras. Nem todas responderam naquela hora mas foi o suficiente para mais uma vez ver a pesquisa se movimentando e pensar que aquele domingo no sol vale a pena.

Fazer pesquisa do jeito que estávamos propondo diz de um corpo próprio, um corpo disponível ao encontro. Diz de um olhar ao redor para tudo que está acontecendo. Diz de não ter como objetivo um objeto de estudo e que o objeto de estudo se assim precisar ser dito, é este corpo que se forma no encontro. Pensando nas sensações e no corpo da escritora e pesquisadora, penso que é essencial esta história para falar do caminho da GSEX. Uma grupa que iniciou mapeando violências e que em sua última pesquisa, até o momento, estava mapeando vivências. Buscamos sempre olhar a cidade como espaço de existência e acredito que isso foi retribuído, construindo em nós, o olhar para as vivências.

Muitos têm habilidade com as palavras. Denominam-se visionários, mas não vêem. Muitos têm o dom da língua, mas nada para dizer. Não os escutem. Muitos que têm palavras e língua, não têm ouvidos. Não podem ouvir e não saberão. Gloria Azaldúa (2000) estava falando da escrita neste texto mas me veio à mente para pensar nesse corpo junto a cidade que a GSEX construiu que nos fez sentir tanto junto, que conseguimos sentir que era preciso falar mais das vivências e não das violências.

Por isso, tomados de ira ou de amor - amor furioso, pacifismo militante, não violência agressiva, persistência radical -, esperamos viver esse vínculo de maneira que nos permita viver com os vivos, conscientes dos mortos, manifestando perseverança em meio ao luto e à ira, a trajetória e controversa da ação coletiva à sombra da fatalidade. (BUTLER, J., p.155, 2021)

A GSEX inicia mapeando violências e nos últimos trabalhos, até o momento, está mapeando vivências. A escuta da psicologia passa por estar na cidade, passa por ouvir o que querem nos dizer e não falar por ninguém. Escutar que em algum momento a cidade quer falar sobre si própria entre risadas e festas. Escutar a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devem existir vários caminhos possíveis para estar em um mestrado. Aprofundar mais um tema que é de seu interesse, subir mais um degrau no caminho acadêmico, buscar um título para apresentar quando for necessário. O meu caminho para esse mestrado não foi nenhum desses, vim por causa de uma pesquisa que estávamos iniciando com a GSEX e era interessante ter uma de nós como pós-graduanda da UFF. Digo isso aqui não para diminuir o meu caminho, mas para mostrar que não era óbvio. Foram dias pensando qual seria o meu tema, levava inclusive como temática da minha análise. Na análise me veio à mente que não gostaria de falar de outra coisa senão da grupa que me formou como psicóloga. Não existia outro tema além de falar da GSEX.

Lembro que pedi uma conversa com as meninas e falei qual seria meu tema, querendo pedir a autorização delas. Não existia chance de falar desse caminho sem ser de forma coletiva, como tinha sido feito até aqui. Claro que elas concordaram e por isso cheguei até a UFF. O caminho nesse mestrado foi complicado por diversas razões. Entrei de forma online, fui chamada para um emprego de 40 horas. Nos meus sonhos mais lindos imaginei que me dedicaria muito a esse estudo e que estaria sempre pela UFF me sentindo finalmente pertencente a essa universidade. Evidente que não foi assim que aconteceu. Mas de certa forma, um fator muito importante me fez continuar motivada a trazer um trabalho final bonito. Eu não faria de qualquer forma a escrita do caminho da GSEX. Meu principal combustível é acreditar que essa é uma história que precisava ser contada.

Não é fácil escrever sobre uma história em que estou inserida. Na qualificação isso apareceu, uma das convidadas na banca falou que eu precisava mostrar mais quem era a integrante da grupa e quem era a pesquisadora da história da grupa. Este detalhe movimentou bastante esse trabalho. Foi uma viagem muito divertida rever memórias, mexer em diários de

campo, receber escritas das integrantes, lembrar de pessoas importantes e tudo isso articulando com autores que vim conhecendo durante esses anos.

Na experiência que acumulo até aqui, atuando com questões de gênero e sexualidade, saber que sou psicóloga não é tarefa fácil em alguns momentos. A psicologia aparece em muitos momentos como algo violento e/ou confessional e/ou obrigatório. Mas não é isso que essa grupa se prestou a fazer esse tempo todo, batemos cabeça diversas vezes com convites em que estaríamos em cadeiras de conselhos, por exemplo, e recusamos por acreditar que a psicologia não precisava estar ali ditando mais uma vez as vivências. Rever tudo isso, mesmo que com fragmentos escolhidos dessa história, é emocionante.

“Um saber encarregado de pensar o psiquismo de alguém cuja relação com seus representantes (os analistas) é inexistente. Não conhecem pessoas trans para além dos atendimentos clínicos ou de programas televisivos. Não frequentam espaços em comum, de sociabilidade. Não compõem o círculo familiar ou de amigos pessoais. Têm como referência prioritária, e muitas vezes indireta, autores como Robert Stoller, que formularam suas investigações em meados da década de 1970.” (FAVERO, S., p.151, 2022)

Sofia, colega de profissão e que foi uma das autoras que me acompanhou neste percurso, este trabalho é para afirmar mais uma vez isso que você disse. Como se dão esses atendimentos clínicos em que não se conhecem essas pessoas fora das salas? Esta grupa pensa sobre isso a um tempo e não só pensa, exerce. A relevância deste trabalho é esta, afirmar junto a Sofia e tantas outras autoras e autores, essa psicologia suja. Essa psicologia suja com os corpos dissidentes e a cidade.

Para a maioria das pessoas que podem ler este trabalho essa parte parece óbvia, mas venho afirmar aqui que não é. Hoje, em 2024, trabalhando em um dispositivo da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) sigo vendo os acolhimentos a população LGBTQIAPN+ como uma grande curiosidade e com um medo de não saber o que fazer, sendo assim, acionando quem intitula de especialista desta prática de trabalho para que possa guiar o cuidado. Afirmando mais uma vez, não queremos ser reconhecidas como especialistas da área, queremos ser

reconhecidas como psicólogas. Queremos ser reconhecidas como atuantes da luta antimanicomial e profissionais que acreditam no cuidado de forma coletiva. Queremos ser reconhecidas como pensadoras junto a cidade. Este trabalho quer afirmar junto a Paul Preciado (2022), apelo ardemente a uma transformação da psicanálise, à emergência de uma psicanálise mutante, à altura da mudança de paradigma que vivemos. Essa transformação não só da psicanálise, mas da psicologia em geral.

Registremos aqui que as Comunidades Terapêuticas não devem existir e não podem ter o financiamento junto à saúde. A afirmação de um cuidado em liberdade se dá nos detalhes. Afirmamos aqui mais uma vez a prática da não neutralidade, a prática da não especialidade. Convidamos a pensar as ruas, as festas, os bares, as Paradas, os banheiros sem gênero, as praças, as conversas regadas a cerveja, as risadas com as ditas psicólogas, aos atos de militância, a desconstrução de identidades e também as afirmações delas. Este trabalho quis ser um convite a escutar a nossa história e a pensar o cuidado com a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. ESTUDOS FEMINISTAS. v. 8 n. 1 (2000).

BAPTISTA, Luiz Antônio; **Simpósio 5 — a cidade como território de criação**. Combates urbanos: a cidade como território de criação. In GUARESCHI, N., org. Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 172-177

BETIM, Felipe. **‘Cura Gay’: O que de fato disse o juiz que causou uma onda de indignação**. **El País**. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454_712122.html>, acesso em 11/11/22 às 11:00.

BENEVIDES, Bruna. **Marcos Históricos do Movimento LGBTI+ Brasileiro**. 2020.

<<https://brunabenevidex.medium.com/marcos-hist%C3%B3ricos-do-movimento-lgbti-brasileiro-ad84dd691f41>>, acesso em 11/11/22 às 19:09.

BICALHO, Pedro Paulo, BELLO Héder Lemos, CASSAL Luan Carpes Barros. **Enfrentamento à LGBTIfobia, Afirmção Ético-política e Regulamentação Profissional: 20 anos da Resolução CFP nº 01/1999**. *Psicol., Ciênc. Prof.* (Impr.) 39 (spe3). 2019

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. **A força da não violência**. São Paulo: BOITEMPO, 2021.

BRASIL. **Portaria nº 1707** de 18/08/2008

CENSO 2022 disponível em <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> (acessado no dia 05/04/24 às 15:48)

CENSO 2010 disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html> (acessado em 05/04/24 às 15:51)

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 001/99, de 22 de março de 1999.** Veta que as (os) profissionais da Psicologia exerçam qualquer atividade que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeréticas. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/resolucao-01-99/historico/#:~:text=Em%20vig%C3%A1%2018%20anos,homossexuais%20para%20tratamentos%20n%C3%A3o%20solicitados.>> Acesso em: 06/11/22 às 22:47.

DESPENTIES, Virginies. **Teoria King Kong.** n-1 Edições, 2016.

DE BARROS, Regina Benevides. **Clínica Grupal.** Revista de Psicologia/UFF, n7. 1996.

DE BARROS, Regina Benevides. **Dispositivos em ação: O Grupo.** Palestra proferida na mesa redonda "Dispositivos em ação" no evento "Subjetividade: Questões Contemporâneas" do curso de Especialização "Teorias e Práticas Psicológicas em Instituições Públicas: um enfoque transdisciplinar". Universidade Federal Fluminense/RJ. 1995.

DE BARROS, Regina Benevides. **Grupo: a afirmação de um simulacro.** Editora UFRGS. 1ª Reimpressão. 2007.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cidada/>>, acesso em 13/09/2020, às 12:05.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Editora UFMG, 2ª Reimpressão. 2020.

FAVERO, Sofia. **Psicologia Suja.** Editora DEVIRES. 1ª Edição. Salvador, Bahia. 2022

FAVERO, Sofia, MARINI, Marine. **Psicologia cisgênera: notas sobre uma patologização cordial.** Rev. psicol. polít. vol.22 no.55 São Paulo dez. 2022

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica.** FORENSE-UNIVERSITÁRIA. Rio de Janeiro, 1977.

LANCETTI, Antonio. **Clínica Peripatética**. 9ª Edição. São Paulo: HUCITEC, 2014.

LANCETTI, Antonio. **Contrafissura e plasticidade psíquica**. São Paulo: HUCITEC EDITORA, 2015.

MAPA DA DESIGUALDADE 2023 - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - Casa Fluminense

MARTINS, Beatriz Adura; BAPTISTA, Luis Antônio. **Rastros da cidade no corpo de um leque vermelho**. Em: RODRIGUES, Alessandro; MONZELI Gustavo; FERREIRA Sérgio Rodrigo da Silva. **A política no corpo - gêneros e sexualidade em disputa**. EDUFES. Vitória, 2016.

MARTINS, Beatriz Adura. **Por uma escrita dos restos - o encontro entre a psicologia e os assassinatos de travestis**. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2017.

MOMBAÇA, Jota. **NÃO VÃO NOS MATAR AGORA**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. **EU NÃO VOU MORRER: SOLIDÃO, AUTOCUIDADO E RESISTÊNCIA DE UMA TRAVESTI NEGRA E GORDA PARA ALÉM DA PANDEMIA - I WILL NOT DIE: LONELINESS, SELF-CARE AND RESISTANCE FROM A BLACK AND FAT “TRAVESTI” BEYOND PANDEMIA**. INTER-LEGERE | Vol. 3, n. 28/2020: c21581 | ISSN 1982-1662

NASCIMENTO, Maria Livia, LEMOS, Flávia Cristina Silveira. **A pesquisa-intervenção em Psicologia: os usos do diário de campo**. 2020

Org.: E SOUZA, Solange Jobim e KRAMER, Sonia. **Política cidade e educação - Itinerários de Walter Benjamin**. Editora PUC Rio, 2009.

PASSOS Eduardo, KASTRUP Virgínia, DA ESCÓSSIA Liliana (org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade**. 5ª Edição. Porto Alegre, Editora Meridional LTDA., 2009.

Plenário do Senado terá banheiro feminino 55 anos após a inauguração. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/01//plenario-do-senado-tera-banheiro-femin/ino-55-anos-apos-inauguracao.html>, acesso em 08/11/22 às 22:18.

PRECIADO **Lixo e Gênero. Mijar/Cagar. Masculino/Feminino.** N° EDIÇÃO: 38
Disponível em: <<https://www.select.art.br/lixo-e-genero-mijar-cagar-masculino-feminino/#:~:text=A%20partir%20do%20in%C3%ADcio%20do,da%20genitalidade%20e%20da%20analidade>>. 2021. Acesso em: 05/11/22 às 21:06.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala.** Editora Schwarcz S.A.. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Relatório da Inspeção Nacional em Comunidades Terapêuticas, 2017. Brasília - DF.

ROSE, Nikolas. **Psicologia como uma ciência social.** 2008.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas.** Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 7ª Ed., 2020.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade.** Rio de Janeiro: Mauadax, 2019.

VILLADA, Camila Sosa. **O Parque das Irmãs Magníficas.** São Paulo: PLANETA DO BRASIL LTDA, 2022.